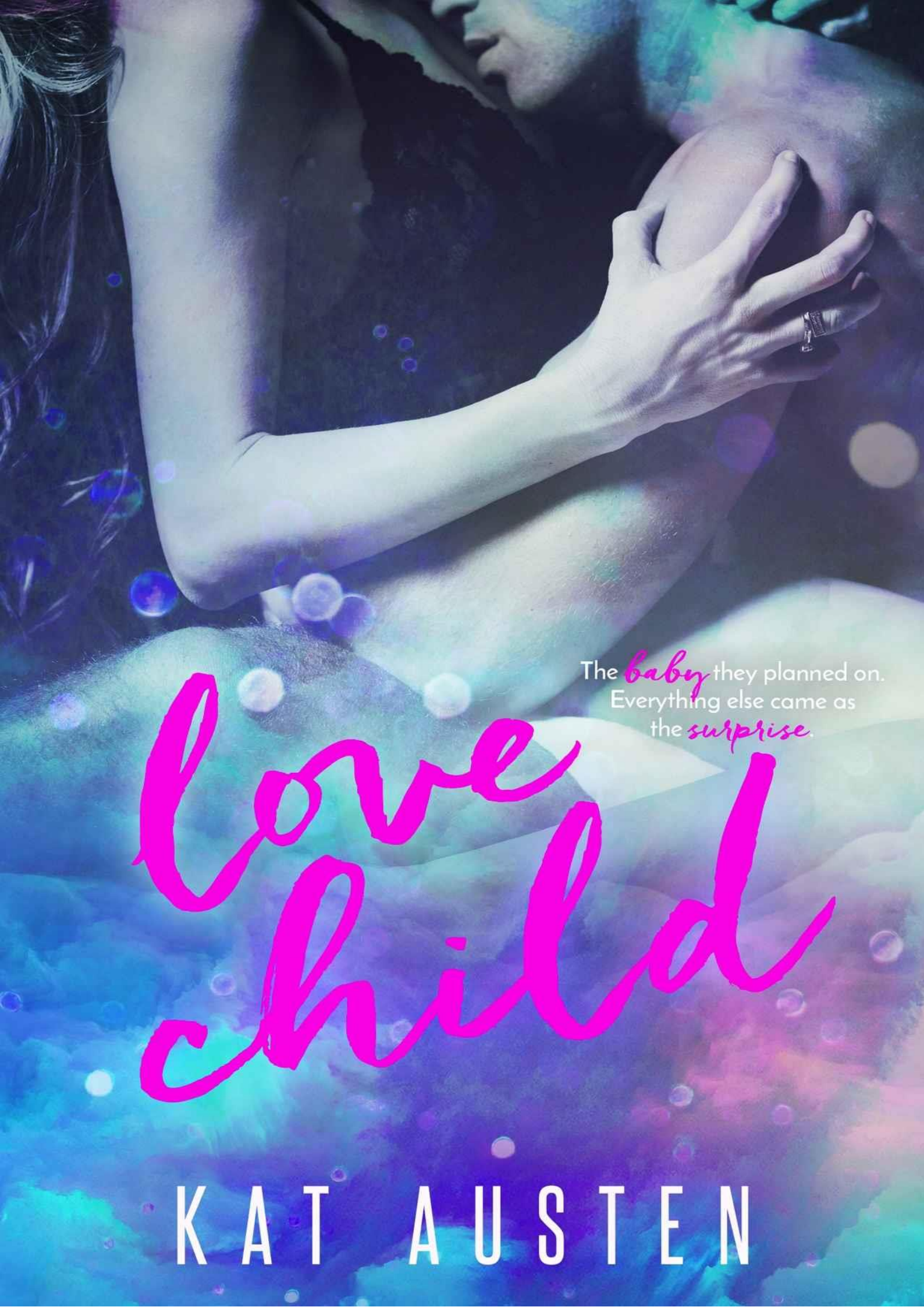




The *baby* they planned on.
Everything else came as
the *surprise*.

Love child

KAT AUSTEN





Staff

Disponibilização: Flor de Lótus

Tradução: Stra Callahan

Revisão Inicial: Ravena, Frida

Revisão Final: Maury

Leitura Final: Mandy

Formatação: Azalea Bufonni

Love Child

Kat Austen

Para todos vocês, leitores, cujos ovários explodirão ao ver um homem quente como o inferno segurando um bebê nos braços. Este é para você!

Abel

Eu estava a minutos de conhecer a mulher que se tornaria a mãe do meu filho. Quer dizer, a mulher que *provavelmente* se tornaria a mãe de meu filho.

Seu arquivo a diferenciava do resto. Adeline Matthews. Eu sentia que sabia muito sobre ela sem nunca termos trocado palavras. Sabia exatamente como ela deveria ser, embora nunca tivesse posto os olhos nela.

Meu instinto me disse que esta era a mulher que seria a mãe do meu bebê, então agora tudo se resumia a acertar os termos e assinar o contrato. A agência ajudaria com isso e, claro, nossos advogados acrescentariam seus conhecimentos à mistura, mas se tudo corresse bem, no final do dia, eu estaria muito mais perto de me tornar pai.

Ser pai. Seria meu legado mais importante e minha conquista de maior orgulho. Deus sabia que a jornada para chegar aqui foi meu maior desafio.

Quando as portas do elevador se abriram no último andar de um dos arranha-céus no centro de Chicago, fui recebido por meu advogado e pela criadora e CEO da Love Child, Suzanne Reynolds.

Suzanne se afastou da empresa de sucesso que ela iniciou do zero, mas eu ouvi que ela aparecia ocasionalmente para um cliente de alto perfil. Eu não me considerava muito conhecido, embora achasse que meu nome tivesse certo grau de influência na alta sociedade, graças às gerações de Lockwoods construindo um império de desenvolvimento comercial.

— Sr. Lockwood, — Suzanne me cumprimentou com um sorriso — prazer em conhece-lo.

— Igualmente, Sra. Reynolds — respondi, apertando a mão dela quando ela a estendeu. A mulher deu um tremendo aperto de mão — Você conheceu meu advogado, Tom Bainbridge?

Ela assentiu.

— Sim, Tom e eu trabalhamos juntos em vários casos anteriores. Ele é um ótimo advogado para se ter ao lado.

— Isso é o que ele me lembra cada vez que me envia a conta de seus serviços no final do mês. — Cutuquei Tom enquanto Suzanne nos conduzia além da recepção. — Se você quer o melhor, pague pelo melhor.

Suzanne ergueu a sobrancelha, sorrindo.

— Sem querer ofender o Sr. Bainbridge, mas meus advogados são melhores.

Ao meu lado, Tom bufou bem-humorado. O cara estava no negócio há tempo suficiente para que os insultos rolassem sobre ele.

— Tenha isso em mente, Sr. Lockwood, quando e se encontrar a doadora certa hoje — continuou Suzanne — Não se envolva tanto em negociar preços e condições a ponto de perde-la. Você selecionou algumas das minhas principais candidatas a doadoras. Considere isso ao fazer sua oferta.

Subindo ao lado dela, certifiquei-me de que ela estava olhando para mim quando respondi. — Não estou negociando preço para a mãe do meu filho, Sra. Reynolds. Os termos são o que me preocupa. Não é o preço.

— Fico feliz em ouvir isso.

Ela acenou para uma mulher que parecia prestes a ter um bebê a qualquer momento. Eu só podia imaginar em como o pai deveria estar em êxtase. Inferno, eu estava em êxtase com a *possibilidade* de ter um filho em breve, não conseguia imaginar como me sentiria a poucos dias do nascimento real.

Continuamos em silêncio pelo corredor. Não havia muito o que dizer. Eu sabia como tudo isso funcionava e estava pronto para seguir em frente.

A decoração do escritório da Love Child não era diferente dos escritórios de qualquer outra empresa de prestígio em que já estive, refinamento moderno, bem funcional e com cores neutras. Mas penduradas nas paredes havia fotos de clientes anteriores com o filho ou filhos que tiveram com a ajuda de Love Child. Cada um desses homens não era apenas um cliente, mas também um investidor na empresa privada. Depois de hoje, espero ser o membro mais novo. Deus sabia que eu estava pronto.

Todos nós acreditávamos na lacuna que a Love Child havia conseguido preencher. Uma mulher pode ir a um banco de esperma e ter um filho sozinha. Um casal pode ter um filho por meio de vários procedimentos diferentes. Mas um homem, um homem solteiro, tinha opções limitadas se quisesse ser pai sozinho. Ele poderia contratar uma

barriga de aluguel, que não era tão direto quanto a maioria das pessoas pensava, ele poderia tentar adotar, o que era quase impossível na melhor das circunstâncias; ou ele poderia pular os obstáculos legais envolvidos com a custódia compartilhada. Mas se ele queria ser um pai solteiro sem complicações, ele não tinha escolha.

Ou pelo menos não tinha até o início de Love Child.

Foi por isso que todo homem que se tornou cliente concordou em se tornar um investidor, porque todos estávamos comprometidos com a missão que essa empresa personificava. Estávamos igualmente empenhados em manter isso em segredo dos olhos do público. A mídia dizimaria isso até que tudo sobre essa empresa respeitada fosse manchada por rótulos caluniosos e acusações obscenas.

Eles nos veriam como um bando de homens ricos atacando uma jovem inocente. Seríamos pintados como intolerantes, acreditando que o mundo e as pessoas nele seriam nosso caminhão de sorvete para apontar o que queríamos e pagar o preço em troca.

A sociedade não entenderia. Não tentaria entender. As pessoas não perceberiam que os homens que haviam encontrado seu caminho até a porta de Love Child eram indivíduos decentes e trabalhadores, que dariam até o último centavo para ter um filho. As pessoas não estariam dispostas a entender que as mulheres que carregavam nossos filhos não estavam sendo exploradas, mas eram reverenciadas e apreciadas muito além de qualquer quantia em dinheiro.

A sociedade não aceitaria a missão da Love Child. E era por isso que você nunca ouvia falar sobre isso no noticiário ou ouvia-se mencionar alguém que conhecia ter usado seus serviços.

As pessoas não entenderiam. Mas eu não dava a mínima.

Eu queria ser pai, e a maneira tradicional de me tornar um tinha sido dolorosa e malsucedida.

Quando paramos em frente a uma porta fechada, Suzanne parou com a mão na porta.

— Adeline Matthews. Ela tem cinco outras entrevistas com pretensos pais esta semana. Eu sei que você mencionou que ela era sua escolha preferida, mas ela me disse que não tomará uma decisão final até que se encontre com todos os clientes.

Meu maxilar cerrou. Não gostei da ideia da possível mãe do meu filho se encontrar com outros cinco homens para discutir o mesmo assunto.

— Se eu decidir que ela é a certa, acho que você descobrirá que posso ser bastante persuasivo.

Suzanne segurou seu meio sorriso, seus olhos sugerindo que ela sabia algo que eu não sabia.

— Você pode querer ter certeza de que sua *persuasão* vem do coração no caso da Srta. Matthews e não de seu talão de cheques.

Eu me vi quase sorrindo de volta. Gostei de Suzanne Reynolds. Ela estava se aproximando da idade da aposentadoria, mas ainda agia como se mal tivesse entrado no mercado de trabalho. Ela dirigia muito bem, preocupava— se com o que fazia e trabalhava tanto quanto eu. Isso pode ter explicado por que éramos solteiros e não tínhamos filhos.

O trabalho havia se tornado nosso cônjuge, a agenda, nossa prole. No começo, não parecia um grande sacrifício para mim. Mas chegar aos trinta e cinco mudou minha opinião sobre isso. Nenhum trabalho poderia aquecer uma cama. Nenhuma quantia de dinheiro poderia encher uma casa de risos.

Não, eu tinha sido um tolo por colocar minha carreira antes de uma família. Pelo menos agora eu tinha a chance de remediar isso.

— Pronto? — Suzanne perguntou.

— Desde que assinei meu nome na papelada de inscrição, três meses, onze dias e... — Meu olhar caiu para o meu relógio — duas horas atrás.

Quando Suzanne abriu a porta, ela acenou para Tom e eu entrarmos primeiro. Duas pessoas já estavam sentadas à mesa comprida. Um deles se levantou e apertou a mão de Tom. A outra demorou alguns segundos antes de se levantar. Quase parecia que ela estava tentando reunir sua coragem enquanto respirava fundo.

Suzanne disparou apresentações, mas sua voz desapareceu no momento em que meus olhos pousaram em Adeline Matthews. A respiração que eu estive no meio prendeu em meu peito, parecendo que estava pressionando minhas costelas.

Quando ela se levantou, seus grandes olhos castanhos olhando diretamente nos meus, não foram apenas meus pulmões e coração reagindo a ela. Ela não era apenas a coisa mais linda que eu já vi, ela era a coisa mais linda que já foi criada. Sorriso doce, rosto angelical, comportamento inocente, a perfeição pairava dez metros na minha frente.

Ela era pequena, mas tinha o tipo de corpo difícil de conseguir com a idade e nos dias de hoje, com roupas tamanho zero e com quadris largos. Ela tinha corpo *de mulher*. Curvas, formato e uma qualidade feminina suave que não me fazia pensar coisas inocentes sobre a Srta. Matthews. Tudo que eu conseguia focar era na forma como o corpo dela se sentiria contra o meu, a forma como suas curvas pareceriam contra a parede do meu quarto, a forma como seu cabelo claro e ondulado ficaria derramado em meu travesseiro enquanto eu me movesse acima dela, plantando meu bebê dentro dela.

Essa era outra razão para a natureza clandestina de Love Child, o processo de gerar o bebê não era feito em um laboratório. A concepção não ocorria em uma placa de Petri¹, e um óvulo fertilizado não era implantado de forma artificial dentro do corpo da mãe.

Não, a mãe engravidava à moda antiga. Do jeito que a natureza pretendia. Essa foi a principal razão de eu ter ido à Love Child em vez de procurar uma barriga de aluguel. Eu não queria que o momento da criação do meu bebê ocorresse em um ambiente frio e estéril. Eu queria que meu bebê fosse gerado com calor e paixão. Emoção e sentimento. Conexão e combustão.

O sexo tinha sido menos preocupante para mim do que o processo de pensamento por trás dele. Mas agora, vendo Adeline, eu estava ansioso para o sexo. Eu *realmente estava* ansioso para o sexo.

Essa era ela. A mãe do meu filho. Meu Deus, nunca tive tanta certeza de nada em toda a minha vida. Eu estava olhando para a mulher que geraria meu filho, que me daria o presente mais precioso da minha existência.

A vontade de contornar a mesa e envolve-la em meus braços ou me jogar a seus pés tornou-se intensa o suficiente para que eu temesse me aproximar. Eu não queria começar a reunião fazendo papel de bobo e estragando tudo.

Eu não poderia estragar isso. Adeline seria a mãe do meu bebê. Eu sabia disso com certeza absoluta.

Agora tudo que eu precisava fazer era convencê-la.

— Srta. Matthews, obrigada por concordar em se encontrar comigo.
— Quando minha voz rolou sobre ela, notei que suas mãos se curvaram ao seu lado.

¹ Uma **placa de Petri** é uma peça de vidro ou plástico, de formato idêntico a pequeno prato de bordas verticais. Estas **placas** usam— se principalmente para desenvolver meios de cultura bacteriológicos e para realizar reações em escala reduzida.

Ela estava com medo de mim? Surpresa com minha voz? Eu tinha que ter o dobro do tamanho dela. Disseram-me muitas vezes que minha voz profunda poderia parecer autoritária, mas ela não saberia? Ela não conseguia ouvir na minha voz?

Ela não tinha nada a temer de mim. Meu objetivo, daquele momento em diante, era protege-la. De ameaças, dor, decepção, de um maldito mosquito que se atreveu a chegar perto demais. O desejo irresistível de protege-la me consumiu.

Não tínhamos concordado em nada. Ela mal fez contato visual ainda. Mas eu já me sentia terrivelmente possessivo com ela.

O inferno que ela estava se encontrando com outros cinco homens. Se eu não conseguisse fazer com que ela se comprometesse comigo hoje, eu descobriria quem são os outros cinco e os retiraria de sua agenda. Por todos os meios necessários.

Adeline Matthews era minha.

Ela estava prestes a saber disso também.

Adeline

Abel Lockwood. Ele tinha sido minha primeira escolha. Então ele entrou na sala, e agora eu estava tendo dúvidas.

Não porque ele tivesse um certo ar de confiança ou se portasse como se não conhecesse as inseguranças. Nem mesmo por causa do terno caro que abraçava seu corpo em vez de ficar pendurado como os ternos pareciam em outros homens. Não porque ele não tivesse problema em me olhar, um mero estranho para todos os efeitos e propósitos, diretamente nos olhos. Não porque ele era um gigante comparado a mim e o pensamento de o que mais poderia ser tão grande passou pela minha cabeça, me fazendo corar bem ali na frente dele.

Não, a razão pela qual eu estava tendo dúvidas quando ele deslizou para o assento na minha frente, seu olhar se recusando a domar a si mesmo, era porque eu senti aquela perigosa consciência conhecida como atração.

Na minha experiência, a atração que surgiu do nada, aquela química instantânea que veio de um olhar, era arriscada. Esses tipos de sentimentos eram bandeiras vermelhas que deveriam ser tratadas com extrema cautela. Nas raras ocasiões em que as senti antes, o homem que estava causando problemas no meu coração poderia ser facilmente um serial killer quanto um humanitário. A atração nascida de nada mais do que um olhar não era confiável, e embora eu soubesse tudo sobre Abel Lockwood pelo arquivo que revisei, ele ainda era um estranho.

Eu não deveria ter esse tipo de sentimento pelo homem que eu ajudaria a ser um pai. Esta situação era complicada o suficiente sem abrigar alguma paixão secreta.

Minhas bochechas inflamaram novamente quando pensei em como seria muito mais estranho rastejar para a cama com ele quando me sentisse como me sentia. Seria humilhante quando ele descobrisse? Não era exatamente como se eu pudesse esconder minha excitação, molhada entre minhas pernas. Seria o ápice da humilhação se durante o sexo, eu não fosse capaz de controlar meu corpo e gozasse com ele? Não era exatamente como se o orgasmo da mulher tivesse muito a ver com o processo de concepção como o do homem.

Só de pensar em como seria estranho ser íntima de um homem que poderia me excitar com um olhar foi o suficiente para me fazer mover Abel Lockwood para a última posição.

A Sra. Reynolds fechou a porta depois que ela saiu, e o Sr. Lockwood e meu advogado, indicado pela Love Child, estavam retirando arquivos de suas pastas. Eu estava ciente do olhar penetrante do Sr. Lockwood voltado para mim. Normalmente, eu o teria desafiado com um olhar próprio, mas ele me perturbou de uma forma que eu não estava acostumada. Se eu travasse os olhos com ele novamente, eu coraria. Se ele me visse corar, ele saberia.

Eu não poderia deixa-lo saber que embora meu coração estivesse me dizendo que este era o homem que eu queria para ser um pai, minha cabeça estava me alertando contra isso.

Enquanto os advogados trocavam alguns documentos, percebi que o Sr. Lockwood se inclinou para mim.

— Eu quero que você seja a mãe do meu filho, Srta. Matthews. Estou disposto a fazer qualquer oferta que você tenha em mente.

Meu coração bateu forte em meus ouvidos ao som de sua voz novamente. Profunda, autoritária, com a quantidade certa de rouquidão. Isso me fez pensar em como ele soaria e nas palavras que diria quando criarmos seu bebê.

Eu me mexi na cadeira, percebendo que não deveria ter usado um vestido. A umidade saturando minha calcinha estava esfregando na parte interna das minhas coxas.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, seu advogado se inclinou e sussurrou algo em seu ouvido. O Sr. Lockwood acenou com a mão.

— Vou me encontrar com cinco outros pais em potencial esta semana, Sr. Lockwood. Se eu sentir o mesmo sobre querer ser mãe de seu filho, com certeza vou deixar você saber. — Minha voz estava surpreendentemente calma, mas eu não perdi a sombra que dominou sua expressão quando mencionei os outros homens com quem eu estaria me encontrando. — E, por favor, me chame de Adeline. Isso já é formal o suficiente, sem nos dirigirmos uns aos outros pelos nossos sobrenomes.

Minha advogada, Julie McDonald, se inclinou na minha direção.

— Deixe— me cuidar disso para você. É pra isso que eu estou aqui.

— Tudo bem, *Adeline*. — A maneira como ele disse isso fez arrepios percorrer minha espinha. — Mas você pode continuar a me chamar de Sr. Lockwood porque, até que concorde em se tornar a mãe do meu filho, gostaria de manter as coisas o mais formais possível.

Meus olhos se fixaram nos dele. Finalmente. Uma onda de raiva faria isso.

— Por favor, diga, *Abel*, por que você tem tanta certeza de que sou a candidata perfeita para ser mãe de seu filho?

Quando Julie se inclinou novamente, eu acenei para ela do jeito que Abel continuava a fazer com seu advogado.

— Porque eu sei. Porque eu confio no que meu instinto e minha cabeça me dizem. Eles me serviram bem no passado e sei que estão me guiando bem aqui. — Abel cruzou as mãos à sua frente sobre a mesa. Ele tinha mãos grandes, do tipo que parecia saber o que estava fazendo. Eu me perguntei se algum dia teria a chance de descobrir se elas eram tão habilidosas quanto pareciam. — Por favor, diga por que você ainda não tem certeza de que serei aquele que você escolherá no final de todas as suas entrevistas?

Minha sobrancelha se ergueu.

— Porque eu não conheci ninguém além de você.

— Você não precisa se encontrar com ninguém além de mim.

Ele não era inseguro, eu tinha que admitir isso. Eu me perguntei se ele tinha as evidências para apoiá-lo ou se foi inventado, como a maior parte da confiança masculina que eu encontrei.

— O que você quer, *Adeline*? Conte-me. Você quer minha oferta dobrada? Feito — Abel já tinha a mão erguida em direção ao advogado. — Você quer um pacote de pensão alimentícia para o resto de sua vida? Você o tem. Basta dizer o que você quer para que possamos assinar os papéis, sair daqui e começar a trabalhar para trazer meu filho a este mundo.

A raiva me atingiu, que ele simplesmente presumiria que o dinheiro decidiria por mim, então me lembrei que o dinheiro era um fator em tudo isso. Eu sairia com dinheiro suficiente para cuidar da minha família por anos. Eu tinha assinado contrato com a Love Child porque acreditava no que eles faziam, mas a grande soma que eu ganharia fazendo isso não era fácil.

Inclinando-me para frente, tive certeza de que ele estava olhando para mim antes de falar. Não que ele tivesse parado de olhar para mim desde o momento em que entrou na sala.

— Nada disso é sobre dinheiro. É sobre encontrar o pai certo. Se essa pessoa só puder pagar um centavo, que seja, mas o dinheiro não será um fator decisivo para decidir com quem eu vou criar uma vida. Por favor, entenda isso, Sr. Lockwood.

Ele não disse nada a princípio. Ele apenas ficou lá, seu olhar penetrante preso em mim, uma sombra de um sorriso brincando com sua boca.

— Então, para sua sorte, Srta. Matthews, você não encontrará ninguém mais esta semana, ou nesta vida, que seria um pai melhor do que o homem sentado à sua frente agora. O mesmo homem que pode pagar a você muito mais do que um centavo por seus esforços.

Ok, então ele não estava apenas confiante, ele era totalmente arrogante. Meu sangue esquentou.

— Como você pode dizer isso? Você não conhece os homens que estou planejando encontrar. Você não conhece os homens que eu poderia encontrar durante o curso da minha vida.

— Não, — sua cabeça balançou — mas eu conheço o homem que sou. Eu sei o quanto eu quero esse filho. Eu sei até onde irei para tornar sua vida feliz e segura. — Foi quando vi algo em seus olhos que ainda não tinha visto. — E eu sei que você é a mulher com quem eu quero criar este filho. Não preciso conhecer nenhuma outra mulher neste processo ou nesta vida para ter certeza disso. — Ele me deu um momento para considerar tudo o que ele disse.

— Então? Você já tem certeza de mim? Ou devo continuar meus esforços para convencê-la?

Demorei um minuto depois disso. Ele me deixou fazer isso sem interrupções. Ambos os advogados na sala desistiram de tentar dizer o que achavam há algum tempo. Eu sabia que tinha todo o tempo do mundo para tomar minha decisão, mas não precisava de outro momento.

Minha única razão para fazer isso foi dar o presente da paternidade a um homem merecedor, incapaz de experimentar essa alegria de outra forma. Eu estava olhando para aquele homem. Apesar da minha atração e da estranheza que provavelmente resultaria disso, Abel Lockwood merecia o bebê que gerariamos juntos. Como ele, eu segui meu instinto na vida, e agora, estava gritando para mim que este era o homem que eu deixaria me encher com seu filho.

Abel Lockwood seria o pai da criança que eu conceberia pela Love Child.

Correndo minhas mãos pelo meu vestido, imaginei como meu estômago ficaria esticado através do material. O que pareceria pesado com o filho de Abel. Depois de hoje, eu não teria que pensar por muito tempo.

— Por que não concordamos com os termos para que possamos assinar a papelada, Sr. Lockwood?

A respiração que ele estava segurando ficou curta. A escuridão em seus olhos acendeu quando seus dedos se curvaram ao redor da borda da mesa quase como se ele estivesse se preparando.

— Me chame de Abel.

Desta vez, quando ele olhou para mim, senti como se ele estivesse me olhando menos com avaliação e mais com posse. Isso tornou a área entre minhas pernas muito mais escorregadia.

— Afinal, você vai ser a mãe do meu filho.

Abel

Meu maldito pau estava tão duro que eu estava com medo de quebrar se eu me mexesse. Ela concordou. Meu Deus, ela realmente concordou. Eu posso ter sido um filho da puta arrogante, mas nem mesmo toda a minha confiança me levou a supor que Adeline Matthews concordaria em ser mãe de meu filho com menos de cinco minutos de nossa reunião.

Eu me perguntava por que ela tinha. Isso teve algo a ver com meu discurso? Eu quis dizer cada palavra, então esperava que pelo menos tivesse algo a ver com isso. Ela poderia ter, como eu, decidido sobre quem ela selecionaria antes da reunião? Ou talvez tivesse a ver com outra coisa? Alguma outra razão que não consegui identificar?

Ela certamente não olhou para mim como se ela pensasse muito de mim. Pelo menos não como se ela pensasse muito na minha aparência. Não que eu me importasse, porque eu não queria que a mãe do meu filho me escolhesse com base na minha aparência, mas em tudo por trás disso, mas a maioria das mulheres não se queixava da minha aparência. Em parte, era por isso que eu tinha tanta dificuldade em encontrar uma esposa e mãe adequada da maneira tradicional.

Superficialidade era uma qualidade que eu não procurava em uma parceira.

A advogada de Adeline estava sussurrando algo para ela, mas Adeline balançou a cabeça.

— Se chegarmos aos termos, podemos todos sair daqui em breve, — eu disse, tendo mais de um motivo para querer me apressar. O fato de ela repensar sua decisão de ter meu filho era minha principal preocupação, mas coloca-la na minha cama também estava em minha mente.

A advogada de Adeline suspirou enquanto examinava minha lista de termos e a de sua cliente.

— Visto que vocês dois têm solicitações diferentes para a maioria dos termos, não acho que ninguém sairá correndo daqui hoje.

Eu conhecia meus termos, assim como conhecia os de Adeline. Eu vim preparado para negociar até que eu conseguisse o meu caminho sobre todos eles, mas algo mudou desde que a vi. Alguns pontos pareciam

menos preocupantes, enquanto outros pareciam extremamente preocupantes agora.

— Alguns dos meus termos mudaram — eu disse, sem precisar revisar o documento que Tom deslizou na minha frente. Eu memorizei minha lista de termos enquanto os preenchia.

Julie ergueu uma sobrancelha.

— Quais termos?

Meu olhar vagou para Adeline. Ela estava me observando, seu peito subindo e descendo sob seu lindo vestido floral, revelando que algo a estava deixando desconfortável. Eu esperava que não fosse eu. Embora, eu suponho que se ela pudesse ler meus pensamentos, ela teria muitos motivos para respirar mais forte.

— Em vez de a Srta. Matthews morar em uma residência de sua escolha durante a gravidez, insisto que ela more em minha casa.

Julie rabiscou algo em seu bloco de notas, mas era Adeline que eu estava observando. Seus olhos se arregalaram por um momento antes de um adorável tom de rosa subir por seu pescoço, manchando suas bochechas.

— Algo mais? — A caneta de Julie fez uma pausa.

Molhando meus lábios, coloquei minhas mãos na mesa.

— Eu gostaria de mudar a data de concepção planejada para um mês. Agora que a Srta. Matthews concordou em ter meu filho, não vejo razão para esperar para fazer exatamente isso.

Julie folheou algumas páginas, seu dedo examinando os termos até encontrar o que estava procurando.

— De acordo com o médico de Adeline, o décimo quinto dia do mês é a data mais provável de concepção. Os termos são lidos um mês a partir da data de assinatura. E você gostaria de modificar isso?

— Sim.

Julie me deu um sorriso tenso.

— O que você tem em mente, Sr. Lockwood?

Eu não pisquei quando meus olhos pousaram em Adeline.

— Amanhã é dia quinze. Não vejo razão para perder um mês quando concordamos com isso.

Não perdi a maneira como Adeline se mexeu na cadeira. Eu não perdi a forma como seus lábios se separaram e uma lufada de ar foi drenada de sua boca quando a realidade do que eu estava sugerindo a atingiu.

— Você está falando como se já tivéssemos concordado com tudo. — Julie bateu com a caneta na papelada.

— Nós vamos — eu disse com um aceno de cabeça. Eu não deixaria nada ficar no caminho de Adeline ser mãe do meu filho. Até mesmo os termos do acordo com os quais fui tão rigoroso.

A caneta de Julie caiu de sua mão antes que ela se recostasse na cadeira.

— Deixe— me ver se entendi, Sr. Lockwood. Além da longa lista de condições que você fez, agora você está solicitando que a Srta. Matthews vá morar com você durante a gravidez, mais alguns meses de cuidados pós-parto, e você gostaria de mudar a data de concepção até um mês?

— Seis meses — eu corriji, Tom há muito tempo desistiu dessa conversa. Ele estava acostumado comigo tomando as rédeas em uma negociação. — Não alguns meses de cuidados posteriores. Seis meses de cuidados posteriores. — Eu esperei por uma objeção. Nesse tipo de arranjo, um mês era o padrão. Seis meses era algo inédito. — E sim, eu insisto que a Srta. Matthews vá morar comigo, e também insisto em antecipar a data da concepção para um mês. — Amanhã à noite, pensar nisso me deixou tonto de desejo. A probabilidade de colocar meu bebê em Adeline em pouco mais de vinte e quatro horas fez meu zíper parecer que estava prestes a estourar. — Se a Srta. Matthews tiver uma opinião sobre qualquer um ou todos os outros termos que fiz, sou responsável por negociá-los e ajustá-los.

Enquanto Julie se inclinava para Adeline, virei minha cabeça para dar a elas um pouco de privacidade. Eu não tinha feito escassez de pedidos sob os termos, mas tendo conhecido Adeline agora, nenhum deles parecia tão importante quanto antes. O mais importante era ela ser mãe do meu filho. Os termos eram importantes, sim, mas depois de olhá-la nos olhos, descobri que confiava em Adeline Matthews. Se ela pensasse que tinha um médico melhor em mente do que o que eu selecionei, eu admitiria. Se ela pensava que seu plano de nascimento era mais forte do que o que eu fiz, tudo bem. Se ela acreditava que oito horas de sono por noite eram suficientes, em vez das nove que eu pesquisei, ótimo. Eu concordaria com o que ela quisesse, desde que ela apenas concordasse em ser a mãe do meu bebê.

Quando Julie se afastou de Adeline, seus lábios se contraíram.

— A Srta. Matthews estaria disposta a concordar com seus novos termos, dependendo de sua concordância com a visitação.

As mãos de Adeline cruzaram sobre o estômago enquanto ela mordeu o lábio. Por um momento, ela quase pareceu triste. Mas passou antes que eu tivesse a chance de confirmar.

— Que tipo de visita a Srta. Matthews está solicitando? — Tom falou.

Fiquei quieto, estudando Adeline.

— Ela gostaria da oportunidade de desempenhar um papel na vida da criança, de vê-lo pelo menos uma vez por trimestre.

Minha cabeça inclinou enquanto meus olhos pousaram em Adeline. Este foi um pedido incomum. A maioria das mães não queria nenhum tipo de conexão com a criança após o primeiro ou segundo mês de pós— atendimento. Principalmente porque era muito difícil para uma mãe desenvolver um papel ‘maternal’ na vida de seu filho sabendo que esse filho pertencia a outra pessoa. Isso abriu um precedente para problemas, e por isso era inédito uma mãe pedir para fazer parte da vida do filho. A maioria teve um bebê de um cliente diferente ou passou a ter sua própria família.

— Que tipo de papel você espera desempenhar na vida da criança?
— Eu perguntei a Adeline.

Seus olhos se ergueram para os meus.

— Você não teria que dizer que eu sou a mãe ou algo assim. Você não teria que dizer nada mais do que eu sou uma velha amiga sua... — seus polegares roçaram seu estômago — mas eu gostaria de, de alguma forma, estar envolvida na vida desta criança. Eu gostaria de ver crescer. Para ver a pessoa em que se tornará.

Tom e eu ficamos em silêncio, ele esperando que eu definisse o tom de como resolver isso. Antes de conhece-la, a visitação não teria sido minha opção preferida. Mas agora. Eu não conseguia imaginá-la não fazendo parte da vida de nosso filho.

— Adeline?

Quando eu disse o nome dela, a respiração dela parou.

— Você vai ser a mãe desta criança. Você *deve* fazer parte da vida dela. Eu não aceitaria de outra maneira.

Sua boca se contraiu com o que eu imaginei ser um sorriso tentando formar. Quando seus olhos se ergueram de volta para os meus, a inocência neles foi velada por um calor que fez minha garganta secar e meu pau se contorcer em antecipação.

Eu me perguntei que tipo de som ela faria quando eu fizesse amor com ela. Eu me perguntei como seriam seus seios pesados em minhas mãos. Eu me perguntei se ela seria tão tímida e recatada na cama quanto era na sala de reuniões ou se ela estava escondendo alguma depravada interior por trás daquele exterior feminino. Deus me ajude, eu até me perguntei como sua boceta se sentiria acariciando meu pau.

Eu não deveria ter tido pensamentos tão imundos sobre ela. Eu não deveria estar fantasiando as coisas que eu estou, as maneiras que eu estava imaginando levando-a, as coisas que eu estava imaginando fazer com ela.

Adeline Matthews seria a mãe do meu filho. Adeline Matthews também realizaria todas as minhas fantasias sexuais.

Dado o nosso arranjo, talvez esse tipo de desejo não fosse a mais ideal das situações, mas sempre me considerei um homem que aproveita ao máximo qualquer situação.

Levantando da minha cadeira, eu não me movi para me ajustar. Adeline não fez nenhuma tentativa de ajustar seu olhar quando ele pousou na protuberância pressionando minha calça. *Isso mesmo, anjo. Familiarize-se com ele. Antes que ele passe a próxima semana se familiarizando com sua doce boceta.*

— Se os advogados quiserem terminar de resolver os negócios jurídicos. — Limpei minha garganta para domar o desejo que a engrossava. Então meu olhar mudou para Adeline, cujos olhos ainda estavam fixos na região do meu cinto. — Senhorita Matthews e eu podemos assinar a papelada hoje e começar a trabalhar para fazer um bebê amanhã.

Adeline

Eu estava indo morar com Abel Lockwood. Pelo próximo um ano e meio, eu estaria morando com um homem que parecia ter problemas para respirar. Quando ele me pegou olhando para sua virilha na Love Child hoje cedo, eu fiquei mortificada. Mas quando descobri que a protuberância não era apenas a forma como o tecido da calça se embolava. Eu senti outra coisa. Algo que parecia muito com desejo.

Como se a atração não fosse ruim o suficiente, agora eu sentia algum tipo de desejo pelo homem que estava prestes a colocar seu filho em meu corpo.

Amanhã à noite. Era tudo que eu conseguia pensar enquanto pegava o elevador para o último andar do prédio em que Abel morava. Depois de assinar os contratos com os novos termos que nossos advogados haviam elaborado, eu concordei em começar a me mudar esta noite. Achei que seria mais fácil ter uma noite para me familiarizar com minha nova casa antes de também me familiarizar com o corpo de Abel Lockwood.

Ele mandou uma empresa de mudanças vir ao meu apartamento para embalar tudo o que eu queria trazer comigo, mas eu não precisava da ajuda deles. Minha casa era pequena e eu estava planejando voltar assim que tudo acabasse, então fiz algumas malas e estava pronta mais tarde naquela noite. Esperando chamar um táxi para a casa de Abel, em vez disso, encontrei um carro esperando por mim. Como descobri, o carro e o motorista foram contratados expressamente para mim e onde quer que eu precise ou queira ir a partir de agora até o cumprimento do meu contrato.

Tentei não me sentir desconcertada por isso, mas, crescendo em uma fazenda com seis irmãs, tive a sorte de conseguir emprestar a caminhonete da fazenda para encontrar meus amigos para tomar um sorvete em uma sexta-feira à noite. Agora, aqui estava eu, alguns anos depois na grande cidade de Chicago, e eu tinha meu próprio carro e motorista pessoais.

Eu não estava mais em uma pequena cidade da América.

A viagem de elevador do primeiro andar ao septuagésimo quarto andar do prédio de Abel foi rápido e, antes que eu tivesse a chance de me perguntar no que tinha me metido, as portas de cobre se abriram.

Agarrando minhas malas, fui para o corredor. Havia apenas algumas portas aqui, e a que estava bem na minha frente tinha o número que Abel havia me dito que era dele. Minha casa. Pelo próximo ano e alguns meses. O que estava esperando por mim atrás desta porta? Significado e propósito como imaginei? Ou mágoa e decepção?

Só havia uma maneira de saber com certeza.

Bati na porta e esperei. Não tive que esperar muito. A porta se abriu.

Uma mulher mais velha de rosto gentil me cumprimentou.

— Ora, ora. Você é tão adorável quanto o Sr. Lockwood disse. — Afastando-se, ela acenou para eu entrar e pegou uma das minhas malas. — Eu sou Helen e cuido dos assuntos do Sr. Lockwood no âmbito doméstico.

Eu devolvi o sorriso dela, imediatamente me sentindo à vontade.

— Imagino que seja um grande trabalho.

Helen colocou minha mala dentro da entrada.

— Ele gosta de me fazer pensar que é, mas é o trabalho mais confortável que uma mulher da minha idade poderia ter. Eu gasto principalmente meu tempo limpando poeira imaginária de fotos e congelando refeições que um dia o Sr. Lockwood pode começar a comer se ele decidir diminuir o ritmo por tempo suficiente para uma refeição de verdade.

— Ele é um homem ocupado — disse, tanto uma pergunta quanto uma declaração. Eu sabia o suficiente sobre Abel Lockwood para perceber que um homem como ele não tinha chegado onde chegou ao bater o ponto trabalhar às oito e às cinco todos os dias.

— Oh, amor, os médicos do pronto— socorro durante um desastre natural estão ocupados. Sr. Lockwood é algo totalmente diferente. —

Pegando minha outra mala, ela a colocou ao lado da que estava no chão. — Provavelmente não devo dizer nada, mas nunca fui de manter a boca fechada. — Ela pegou minhas mãos, sorrindo para mim. — Mas eu queria dizer obrigada pelo que você está fazendo pelo Sr. Lockwood. Não há homem melhor que você gostaria de conhecer e nenhum pai melhor que você poderia encontrar para dar a esta criança. — Seus olhos se encheram de lágrimas quando ela fungou.

— Eu conheço o Sr. Lockwood desde que ele usava fraldas, e se eu pudesse dar um filho àquele homem, eu o daria. A natureza cuidou disso

algumas décadas atrás. — Ela riu, ainda segurando minhas mãos. — É uma honra ter você aqui. Se precisar de alguma coisa, não me importa se são três da manhã e você está procurando um saco de mini marshmallows, é só me avisar. Ok?

Helen me relaxou. Algo em seu sorriso ou sua franqueza fez toda essa situação parecer muito menos assustadora.

— Ok, — eu concordei. — E obrigada.

Ela piscou, soltando minhas mãos.

— Eu que agradeço. — Ela começou a caminhar pela grande sala de estar, então parou como se tivesse acabado de se lembrar de algo.

— Por favor, fique confortável. Esta é a sua casa agora também. Não tenha vergonha de bisbilhotar quartos ou espiar em armários. Os únicos segredos escondidos dentro dessas paredes são os ingredientes do meu pudim de ameixa.

Seguindo-a, tentei observar os arredores, mas era opressor. Eu tinha visto lugares como aquele em revistas de viagens ou filmes, mas nunca com meus próprios olhos. Nunca imaginei morar em um lugar tão lindo como este. Era como meu próprio palácio pessoal.

— Estarei na cozinha terminando o jantar, se você quiser se juntar a mim assim que terminar. Seria bom ter alguém além de mim aproveitando quando está quente.

— Obrigada. — respondi ao me aproximar do que imaginei ser a foto de um Abel adolescente com sua família. Eles pareciam felizes, o tipo de felicidade que ia mais fundo do que seus sorrisos fingidos. — O Sr. Lockwood não costuma jantar em casa?

— Nunca na verdade. — disse ela, balançando a cabeça.

Minhas sobrancelhas se juntaram enquanto eu passava para a próxima foto emoldurada na lareira. Este parecia Abel com seus irmãos. Eu li que ele tinha três irmãos, mas mesmo se eu não soubesse disso, poderia ter adivinhado pela foto. Todos pareciam semelhantes, exceto pela idade e alguns centímetros de altura.

— Se o Sr. Lockwood está tão ocupado, o que o faz pensar que terá tempo para criar um filho? — Eu perguntei, mais como uma pergunta para mim mesma do que para Helen.

— Essa é uma pergunta para o Sr. Lockwood responder, amor. Não eu. — Helen continuou pela sala de estar, contornando em um corredor.

Eu a segui porque, embora ela tenha me dado boas-vindas para me sentir em casa, eu não estava pronta para chutar meus calcanhares e ficar confortável ainda. Eu a alcancei na cozinha, verificando o que parecia ser um assado no grande fogão comercial. Mamãe sempre quis um desses. Ter de alimentar nove bocas, três vezes ao dia, fazia minha mãe sonhar com grandes fogões sofisticados, assim como outras mulheres sonhavam com grandes diamantes.

— Sr. Lockwood solicitou que eu obtivesse uma lista de seus alimentos e pratos favoritos para adicionar à lista de compras e menu. Se você não se importar de mandar isso para mim quando tiver uma chance, seria maravilhoso, Srta. Matthews. — Helen tocou o assado com a ponta do dedo algumas vezes antes de fechar o fogão e ajustar o cronômetro para mais meia hora

— Não sou exigente — eu disse, tocada por Abel ter pensado em me agradar.

— Eu cresci como filha de um fazendeiro, um fazendeiro que conheceu seu quinhão de secas. Eu como o que é colocado na minha frente e sou grata por isso. — Sorri ao pensar em algumas das refeições mais criativas que mamãe preparou para nós quando a despensa estava em uma terrível escassez. Quando Helen ergueu a sobrancelha para mim, obviamente não acreditando que eu não tinha preferências, desisti. — Ok, então posso não ser a maior fã de carne enlatada.

Ela deu uma risada bem-humorada quando começou a lavar alguns feijões verdes frescos.

— O dia em que você encontrar carne enlatada na minha cozinha será o dia em que você me internará no hospício, ouviu?

Junto com a risada dela, inspecionei a cozinha. Era brilhante, era tão limpa, obviamente um lugar do qual Helen se orgulhava muito. Era grande o suficiente para ser capaz de servir a uma festa, mas havia toques pessoais o suficiente para torna-la íntima. Já fazia muito tempo que eu não tinha a oportunidade de preparar uma refeição de verdade. Meu apartamento tinha um banheiro, mas não uma cozinha. Toda a minha cozinha nos últimos seis meses incluiu pratos quentes e microondas.

— Você se importa se eu te ajudar? — Eu perguntei.

Helen me lançou um olhar surpreso.

— Seja minha convidada. Os aventais estão na gaveta do meio.

Abrindo a gaveta que ela indicou, peguei o avental no topo da pilha dobrada e amarrei por cima do vestido. Eu ainda estava com o lindo vestido floral que usei na reunião esta manhã e, como era o mais bonito que eu tinha, não queria estraga-lo com uma mancha. Eu esperava que o Sr. Lockwood não notasse se eu o usasse várias vezes por semana, revirando o pequeno punhado de vestidos que eu tinha que não pareciam feitos para a pilha de trapos. O dinheiro foi escasso enquanto eu vivi, mas isso nunca me incomodou. Nunca faltou amor e atenção ao crescer e, mesmo agora, morando na cidade grande e acabando de assinar um contrato que me pagaria uma quantia exorbitante de dinheiro, meus sonhos não mudaram em nada.

Sempre quis crescer e me apaixonar, me casar e criar minha própria família, assim como minha mãe. Meus sonhos eram simples em comparação com os sonhos de fama e glória de outras mulheres jovens, mas eram meus. Eu não estava desistindo deles, não importa o quão improvável eles parecessem se tornar realidade.

— Você tem algo planejado para a sobremesa? — Eu perguntei, vasculhando os armários e descobrindo que eles estavam melhor abastecidos do que o minimercado perto de casa.

— Sr. Lockwood não gosta muito de doces, então parei de fazer. Mas esta amante do açúcar não faria objeções se você quisesse trazer a sobremesa de volta à mesa.

Eu sempre fazia as sobremesas em casa, e quase todas as sobremesas que eu sabia fazer de cor exigiam o uso de um fogão. Agora que eu tinha um a três metros de distância, queria usá-lo.

Depois de reunir meus suprimentos nos armários, reivindiquei um pedaço do balcão e comecei a trabalhar. Estar em uma cozinha novamente era tão bom. Misturando massa, usando minhas mãos, compartilhando uma risada com alguém. Eu sabia que para a maior parte do mundo, uma mulher encontrar felicidade na cozinha e realização em sua casa era antiquado e desatualizado, mas eu não deixei que isso me incomodasse. Eu conhecia o trabalho árduo e não tinha medo dele. O amor e a preocupação colocados em fazer de uma casa um lar não foi menor do que ganhar um diploma em biologia molecular.

Eu tinha acabado de enrolar toda a minha massa e estava pronta para dobrá-la nos pratos de torta quando Helen e eu ouvimos passos agudos se movendo pela sala de estar.

— Ora, ora. Alguém está em casa mais cedo. — Helen estava mexendo os grãos enquanto olhava o relógio na parede acima da pia. — Eu me pergunto se isso tem alguma coisa a ver com você.

Quando ela piscou para mim, senti o calor soprar em meu rosto. Afundou mais quando pensei na maneira como ele olhou para mim na reunião, como se ele estivesse se contendo do que queria fazer comigo ali na mesa da sala de reuniões. O que ele estaria realmente fazendo comigo amanhã à noite.

Eu tive que apoiar minha mão no balcão quando aquela imagem passou pela minha mente. O corpo de Abel localizado acima do meu, nu, seus quadris movendo— se contra os meus em movimentos lentos e decididos.

— Senhorita Matthews, — uma voz sombria entrou na cozinha, fazendo minha espinha formigar.

Tentando limpar a imagem da minha mente, eu me virei lentamente.

— Sr. Lockwood. — Eu mantive minha mão apoiada contra o balcão porque, oh caro senhor, aquele homem. De alguma forma, nas poucas horas desde que o vi pela última vez, ele ficou ainda mais atraente. Alto, musculoso, cabelos escuros, olhos claros, ele parecia mais fantasia do que realidade.

Seus olhos penetrantes me percorreram, sua mandíbula forte definindo quanto mais ele olhava.

— Eu só estou pedindo para você ter meu filho, não para fazer meus jantares, ou qualquer outra coisa nesse sentido. Eu quero que você se divirta. Para relaxar e cuidar do seu corpo. — Seu olhar pairou ao redor do meu estômago. Eu me perguntei se era o avental chamando sua atenção ou que ele imaginou como minha barriga ficaria grávida de seu filho.

— Isso é o que eu faço para me divertir. Isso é relaxante. — Fiz um gesto para a crosta da torta e minhas mãos cobertas de farinha.

— Você gosta de cozinhar? — Sua sobrancelha escura se curvou ainda mais, parecendo em dúvida.

— Eu gosto.

— A maioria das mulheres que conheci o despreza.

Meus ombros se ergueram quando peguei uma toalha para limpar minhas mãos.

— Então eu acho que você acabou de conhecer uma rara que tem uma opinião diferente sobre o assunto.

Abel se inclinou para a porta, me estudando com uma expressão quase divertida. Talvez não fosse diversão; talvez fosse curiosidade.

— Você já viu seu quarto?

Minha testa se enrugou.

— Achei que você gostaria de ser o único a mostrar a ela, Sr. Lockwood. — Helen interrompeu enquanto puxava o assado do forno.

Eu tinha esquecido completamente que ela estava lá. Abel tinha um jeito de olhar para mim e me fazer sentir como se fôssemos as duas únicas pessoas no planeta, quanto mais na sala.

— Bom. — disse ele, inclinando a cabeça em minha direção. — Eu esperava surpreendê-la pessoalmente.

Espanando minhas mãos uma última vez, eu o segui para fora da cozinha, com cuidado para manter alguns metros entre nós. Quanto mais perto dele eu ficava, mais difícil ficava respirar.

— Meu quarto? — Eu perguntei enquanto ele me conduzia por um longo corredor. Seus passos ecoaram nas paredes, os meus mal pareciam ser registrados. — Achei que, dado o nosso acordo, compartilharia o seu. — Quando olhei para cima para avaliar sua reação, descobri que sua mandíbula estava rígida como se ele estivesse se contendo para não dizer ou fazer algo.

— Minha opinião, *especialmente* dada a natureza do nosso acordo, era que você gostaria de ter um espaço que fosse todo seu. — Provavelmente era o trecho profundo do corredor, mas sua voz soou especialmente profunda naquele momento.

— Ah sim. Claro — eu disse quando percebi que essa era sua maneira cavalheiresca de dizer que não queria se aconchegar todas as noites. Faríamos sexo até eu ficar grávida, então cada um de nós se retiraria para seus quartos privados. Achei que isso fazia mais sentido, manteria as coisas simples, ou mais simples possível.

Quando Abel parou do lado de fora de uma porta fechada, percebi tarde demais. Eu estive ocupada estudando as obras de arte que adornam as paredes e bati direto nele. Seu braço chicoteou de uma forma protetora, quase como se ele estivesse tentando me impedir de cair ou bater na parede. Um minuto depois, seu braço ainda estava enrolado em volta de mim, sua grande mão pressionada na curva da minha cintura.

Meu peito se moveu mais rápido com a sensação da força de seu toque, o poder de seu corpo contra o meu. Eu não perdi a maneira como

seus olhos escureceram ou a maneira como eles estavam me avaliando, quase como se ele quisesse meu corpo tanto quanto eu queria o dele.

Fechando os olhos, ele soltou um suspiro lento e abriu a porta.

— Seu quarto. — ele sussurrou, seu braço me liberando.

No momento em que vi meu quarto, senti meu queixo cair.

— Abel... — Eu respirei, entrando. Ele seguiu alguns passos atrás de mim. — É muito. — Não pude dizer mais nada, fiquei sem palavras.

— Não. — ele disse suavemente, me deixando explorar o espaço. — Nada poderia ser demais para você. — Quando olhei de volta para ele, com lágrimas nos olhos, ele acrescentou:

— Você está me dando o presente mais precioso que eu poderia receber. Qualquer coisa que eu lhe der será insignificante em comparação. Isso não é nada. — Ele acenou para o meu quarto como se não fosse nada especial, mas ele não tinha ideia.

— Abel, — eu disse, querendo jogar meus braços em volta dele, mas me contive. — Isso não é nada. Isso é absolutamente, definitivamente *algo*.

Meu sorriso cresceu enquanto eu caminhava pelo meu quarto. Foi tudo o que eu sonhei, mas nunca tive os meios para ter. Uma cama de dossel branca completa com cortinas penduradas, uma cadeira de balanço estofada em um canto, cercada por estantes cheias de livros. Havia até uma penteadeira como o tipo que eu costumava sonhar em decorar com frascos de perfume chiques e lindos tubos de batom. O quarto em si era decorado com minhas duas cores favoritas, rosa pálido e azul celeste. Era um sonho. Bem aqui dentro da minha realidade.

— Obrigada. — eu respirei, enxugando a primeira lágrima antes que ele tivesse a chance de ver.

— De nada. — Ele estava pairando na porta novamente, parecendo contente em me ver explorar.

— Mas como você conseguiu fazer isso tão rapidamente? — Eu só tinha assinado o contrato há apenas oito horas. Então, algo mais me ocorreu.

— Oh, não importa. Você tinha este quarto pronto para quem você decidisse. Não eu em particular. — Eu deixei a fantasia do quarto me levar longe demais, na terra dos príncipes e princesas e felizes para sempre.

— Esta sala estava vazia nesta manhã. — Abel disse, sua voz enchendo a grande sala. — Este quarto foi feito para você e apenas você, Adeline.

Meu sorriso voltou quando olhei para ele.

— Então, como você fez isso tão rapidamente?

Sua testa enrugou quando me sentei na beira da minha cama.

— Eu acho que você vai me achar bastante persuasivo quando eu quero algo, Srta. Matthews.

Adeline

Já era tarde, mas não conseguia dormir. Não era a cama nova ou o novo quarto me mantendo acordada, era Abel Lockwood. Meus pensamentos voltavam para ele a cada cinco segundos.

Um pouco depois da meia-noite, tirei minhas cobertas e fui para a cozinha, esperando que uma fatia de torta de cereja fresca e um copo de leite frio me deixassem com sono.

Caminhando nas pontas dos pés pelos quartos escuros, encontrei o apartamento silencioso. Na cozinha, mantive as luzes apagadas e fui até onde a torta ainda estava na prateleira de refrigeração. A torta de cerejas adocicada de Helen era tão boa quanto as da minha mãe, e tínhamos um pomar de tamanho decente para colher todos os meses de junho. Helen não tinha o mesmo luxo aqui no coração de Chicago.

Pegando um prato e uma faca, comecei a cortar um pedaço da torta quando algo chamou minha atenção do lado de fora da janela. Embora estivéssemos em um dos edifícios mais altos de uma das maiores cidades do país, o condomínio de Abel incluía um espaço ao ar livre. Eu peguei um vislumbre dele antes da cozinha, mas agora que alguém estava lá fora, eu estava dando um pouco mais de atenção.

Abel estava lá fora no escuro, parecendo estar praticando algum tipo de arte marcial. Seus movimentos eram suaves e rítmicos, um movimento passando para o próximo em transições contínuas. Ele se movia com a graça de um dançarino e a força de um lutador. Ele estava descalço, vestindo apenas uma calça escura larga. Um brilho de suor cobriu seu corpo, parecendo fazer sua pele brilhar sob o luar pálido.

A torta de cereja há muito foi esquecida.

Inclinando-me sobre o balcão para ver melhor, não quis piscar por medo de perder um momento do que ele estava fazendo. Eu nunca tinha visto essa arte marcial antes, mas era hipnotizante. Não só exigia força e graça, mas também equilíbrio e capacidade atlética. Observa-lo mover seu corpo da maneira que podia testemunhar a maneira como ele podia domá-lo, liberando-o no momento seguinte, fez o espaço ao sul do meu umbigo doer de necessidade.

Oh caro senhor. Eu nunca tinha sentido isso antes. Não foi apenas um tremor passageiro, mas algo muito mais profundo. Pode ter se

originado naquele ponto entre minhas pernas, mas se espalhou para cada nervo e fibra do meu corpo até que senti como se todo o meu corpo estivesse fervendo de desejo.

Quanto mais eu observava Abel, mais profunda era a dor. Até que foi quase doloroso. Talvez se eu me tocasse lá embaixo, isso tornasse tudo melhor. Talvez tudo que eu precisasse era dissipar um pouco daquela dor e seria capaz de evitar que meu corpo desmoronasse como eu sentia que estava prestes a cair.

Movendo meus dedos sobre mim, esfreguei suavemente aquele local onde eu mais sentia necessidade. Instantaneamente, eu senti algo construir dentro, minha outra mão se fechando em um punho enquanto eu me inclinei sobre o balcão para me segurar. Um gemido escapou de meus lábios enquanto eu continuava a me esfregar, observando Abel realizar seu ritual, imaginando todo aquele poder e habilidade sendo usados em mim.

Eu me toquei assim algumas vezes antes, mas rapidamente perdi o interesse quando descobri que não parecia fazer nada. Essa sensação inexplicável de liberação? O que as pessoas chamam de orgasmo? Se o que eu senti quando me toquei foi algo parecido, então as pessoas estavam exagerando demais como foi ótimo. Ou talvez eu simplesmente nunca tivesse experimentado um orgasmo real, verdadeiro.

Meus olhos baixaram quanto mais perto eu cheguei a sentir que estava prestes a voar ou cair, e bem quando senti aquele ponto de inflexão se aproximando, uma porta se fechando interrompeu meu momento de autossatisfação.

Minha cabeça virou para o lado para encontrar dois olhos azuis penetrantes olhando para mim na escuridão. O constrangimento queimava minha garganta enquanto eu tentava encobrir o que estava fazendo. Mas pela expressão em seu rosto, ele sabia exatamente o que eu estava fazendo.

— Por favor, — a voz de Abel veio do fundo de seu peito, — não pare por minha causa.

Ele sabe. Ele me viu me tocando. Bem aqui na cozinha dele. Olhando para ele pela janela.

Balançando a cabeça, lutei para me recompor. Voltando à torta, terminei de cortar um pedaço antes de larga-la no prato. O tempo todo, eu estava sempre ciente de seu olhar penetrante. Eu quase podia sentir seu sorriso crescendo enquanto me atrapalhava com a torta.

— Você quer minha cereja. — Minhas bochechas pareciam tão vermelhas quanto a torta quando eu percebi o que tinha dito. — Você quer um pedaço da minha cereja.

Quando ele deu um passo em minha direção, o resto da minha pergunta ficou presa na minha garganta. Um canto de sua boca se curvou, seu olhar baixando para a bainha da minha camisola. Se eu soubesse que toparia com um Abel sem camisa, teria vestido um roupão de banho antes de me aventurar para fora do meu quarto.

Limpando minha garganta, fechei meus olhos para me concentrar em minhas palavras.

— Você gostaria de um pedaço da minha torta de cereja? — Suspirando de alívio por ter conseguido acertar, finalmente, quando meus olhos se abriram, encontrei Abel na minha frente. *Bem* na minha frente.

Sua mão caiu para o meu quadril, seus dedos lentamente se curvando em mim. O tempo todo, ele nunca parou de olhar diretamente nos meus olhos.

— Eu adoraria um pedaço da sua torta de cereja.

Minha mão agarrou o balcão atrás de mim, em parte porque eu precisava me segurar para não derreter sob seu toque e em parte porque não confiava que não iria tocá-lo de volta.

— Deixe-me pegar para você — eu disse, não reconhecendo minha voz enquanto pegava o prato. Normalmente eu servia quente com sorvete de baunilha caseiro, mas isso teria que servir, já que eu mal conseguia falar com o jeito que ele estava olhando para mim.

Meus dedos não tinham pegado em torno do prato quando sua outra mão encontrou minha cintura quando ele se inclinou, sua cabeça baixando para o meu pescoço. Lentamente, ele me inspirou. Quando ele expirou, a névoa quente de respiração que atravessou meu pescoço me fez perder a cabeça.

Minhas funções motoras estavam acompanhando-o.

O prato caiu no chão, espalhando torta pelo chão. Bem, o chão e meus tornozelos. E provavelmente a calça dele, que eu não estava pensando em tirar dele. Em absoluto.

— Merda — eu disse, lutando para limpar o chão.

Enquanto pegava pedaços de torta, fiz uma pausa. Ele estava me observando, elevando— se acima de mim com um olhar que fez minha garganta secar.

Não perdi a localização da minha cabeça em seu corpo. Ele certamente não perdeu também.

Um olhar torturado apareceu em seu rosto antes de balançar a cabeça e pegar o rolo de papel toalha.

— Aqui. Deixe-me limpar isso. — Ele se abaixou no chão ao meu lado, limpando o recheio vermelho pegajoso que eu consegui espalhar pelas paredes e pelos meus joelhos.

— Obrigada — eu disse, rasgando algumas toalhas de papel. Assistir Abel Lockwood limpar um chão pegajoso em suas mãos e joelhos foi quase tão excitante quanto vê-lo do lado de fora fazendo o que quer que estivesse fazendo.

O que me lembrou.

— Lá fora agora. — Eu me concentrei no chão em vez de em seu antebraço. — O que era que você estava fazendo?

— Tai Chi, — ele respondeu, seus olhos sorrindo quando ele olhou para mim. — Você gostou?

Mordi meu lábio, meio que odiando que ele soubesse que eu o estava observando.

— Foi interessante, — eu disse, achando que era uma resposta segura. — Há quanto tempo você pratica isso?

— Desde os seis anos. Eu até competi quando era mais jovem, mas agora faço isso mais como uma válvula de escape que concentra minha energia e me centra ao mesmo tempo. — Quando fui limpar outro pedaço de bagunça de cereja, ele chegou antes de mim. — Eu não te acordei, não é?

— Não. Eu simplesmente não conseguia dormir.

Sua mão parou de se mover, a testa franzida.

— Nem eu. — Quando eu estava prestes a perguntar qual era o seu problema de sono, ele se mexeu e ficou agachado na minha frente.

— Posso fazer uma pergunta pessoal, Srta. Matthews?

— Nossas vidas estão prestes a ficar muito, *muito* pessoais. Então, por favor, pergunte. — Esfreguei uma mancha invisível, distraíndo-me da percepção de que amanhã à noite, este homem estaria compartilhando seu corpo comigo. A imagem de Abel apoiado acima de mim passou pela minha mente novamente.

Ótimo. Porque minha parte interna das coxas precisava estar um pouco mais úmida.

— Hoje mais cedo na reunião. Você concordou tão rapidamente. — Sua cabeça inclinada. — Por quê?

Havia quatro maneiras de uma pessoa responder a qualquer pergunta, meu pai me ensinou. Com a verdade, uma meia verdade, uma mentira ou silêncio. Ele também me ensinou que só havia uma maneira de um Matthews responder a uma pergunta.

Com a verdade.

— Entrei naquela reunião com noventa e nove por cento de certeza de que era você quem eu escolheria. Concordei com as outras reuniões por respeito aos candidatos, mas sabia que seria você quem escolheria no final.

Abel pegou minha mão. Mesmo que estivesse pegajosa com recheio de cereja, eu o deixei pegar.

— Eu imaginei que você fosse a única. Antes mesmo de te conhecer.

Meu estômago se agitou.

— E agora?

Seu polegar acariciou a parte inferior do meu pulso.

— E agora eu *sei que* você é a única.

Bom Deus. As coisas que eu sentia por este homem não eram as coisas que eu deveria sentir por ele. Ele não *me* queria, ele queria nosso bebê. Isso é o que eu recordei quando encontrei seu sorriso me puxando para mais perto.

— Por que você decidiu fazer isso? — Ele perguntou.

Meu olhar baixou. Eu gostaria de não ter que ser tão honesta o tempo todo.

— Porque eu não queria levar uma criança para uma casa com um pai que tinha dificuldade em se comprometer com um plano de telefone

celular. E, pelo menos na minha experiência, esse foi o único tipo de cara que cruzou meu caminho. Eu não quero condenar uma criança a uma família dividida. Batalhas de custódia. Eu não quero essa vida para meu filho, mesmo que isso signifique que eu não tenha que ser nada mais do que uma velha amiga da família.

A mão de Abel apertou a minha.

— Nem todos os homens são assim. Alguns de nós não têm medo de compromisso.

— Eu sei, mas era desanimador quando aqueles pareciam ser os únicos homens de quem eu estava recebendo ofertas.

Eu não perdi a maneira como suas sobrancelhas se juntaram, quase como se ele estivesse chateado.

— Então, você decidiu que, como não acreditava que teria um filho com alguém por quem se apaixonou, daria o presente de um filho para outra pessoa?

Mordendo meu lábio, eu balancei a cabeça.

— E você me escolheu porque...? — Sua voz era quase gentil, a mais suave que eu já ouvi.

Eu encontrei seus olhos.

— Porque o mundo precisa de bons pais.

Seu rosto suavizou, sua mão me puxando para mais perto.

— E você acreditava que eu seria um desses bons pais?

Estar perto dele fez meu coração bater mais rápido. A esta distância, eu podia sentir o cheiro de suor do que ele estava fazendo lá fora. O leve aroma de qualquer colônia ou loção pós-barba que ele usou antes.

— Sim, — respondi. — Eu acredito.

Sua outra mão se levantou para deslizar um cacho solto atrás da minha orelha.

— Você está certa. Serei um desses bons pais. Eu te prometo isso. Eu juro pela vida da criança que criaremos juntos.

Suas palavras. Elas ainda estavam brincando comigo. Meu coração parecia desejar-lo tanto quanto a área entre minhas pernas. Eu não podia

me permitir sentir assim por ele. Tive que manter uma certa distância cuidadosa para que, ao final de tudo isso, não deixasse para trás o bebê e meu coração.

— Por que você me escolheu? — Eu perguntei depois de um momento.

Os dedos de Abel se entrelaçaram mais profundamente nos meus.

— Porque o mundo também precisa de mais boas mães. E não importa a participação que você tem na vida desse bebê, sempre saberei que meu filho tem esse tipo de coisa. Eu sei que a sua bondade sempre fará parte disso.

Eu realmente não queria chorar na frente de Abel Lockwood, mas se ele continuasse dizendo esse tipo de coisa, eu choraria. Tudo que eu sempre sonhei em ouvir, vindo de um homem de quem eu gostava, que queria se estabelecer e ter uma família comigo um dia, vinha daquele na minha frente que estava me pagando para ter um filho.

Foi uma constatação conflitante.

— Você sabia que, quando nos conhecemos esta manhã, estaríamos sentados no chão da sua cozinha esta noite, limpando a torta de cereja e tendo esse tipo de conversa? — Eu perguntei.

Ele encolheu os ombros, seus olhos disparando.

— Bem não. Achei que seria uma torta de maçã.

Quando eu ri, ele se juntou a mim até que nossa risada compartilhada enchesse toda a cozinha. Também encheu meu coração. Deixando de lado as complicações de sentir atração ou mais por este homem, eu fiz a escolha certa. O bebê que faria com ele cresceria feliz e amado. Apesar de tudo o que estava por vir, senti uma quantidade enorme de alívio.

— Sobre amanhã à noite.

Abel ainda estava rindo, mas parou de forma sucinta.

— Eu estava me perguntando se você tem algum, — limpei a garganta, capaz de olhar em todos os lugares, menos em seus olhos — você sabe, certos pedidos.

Graças a Deus pela escuridão, porque minhas bochechas estavam tão quentes que poderiam ter queimado. Eu estava orgulhosa de mim mesma por perguntar, no entanto. Isso estava em minha mente, e pensei

que amanhã seria mais fácil se eu soubesse quais eram suas expectativas. Se ele tivesse alguma.

Mesmo que eu não estivesse olhando diretamente para ele, vi o sorriso de Abel com o canto dos meus olhos, e isso me fez sentir calor em outros lugares também.

— Por quê? Você está aceitando pedidos especiais?

— Não, mas pensei que tornaria as coisas mais fáceis para nós dois, ou pelo menos para mim, se eu tivesse uma ideia de como será a noite de amanhã.

Quanto mais ele tentava fazer contato visual, mais eu lutava contra isso. Esta foi, de longe, a conversa mais desagradável da minha vida.

— *Você tem algum pedido especial?* — Seu tom era brincalhão, mas gentil.

Tomando um momento para considerar isso, eu balancei minha cabeça. Não conseguia pensar em nada que não me fizesse parecer que não tinha ideia do que estava falando.

Ele ficou quieto depois disso, imaginei me dando um minuto para mudar de ideia. Quando eu não fiz, ele deslizou para mais perto. Agora seu joelho estava tocando o meu. E sua mão. Meu corpo já estava saturado a partir desses dois pontos de conexão, eu não conseguia imaginar o que aconteceria amanhã à noite quando estivéssemos conectados em todos os outros lugares também.

— O que você quiser, o que parecer certo, o que você quiser me dar ou precisar que eu dê a você, tenha certeza de que amanhã à noite terminará comigo sendo o bastardo mais sortudo deste planeta.

Meu coração estava batendo tão forte que eu tinha certeza de que ele podia ouvir. Por que ele tinha que ser o único a dizer as palavras dos contos de fadas e me dar o quarto dos contos de fadas e me fazer sentir as coisas dos contos de fadas, e ainda não ser o verdadeiro conto de fadas?

Como poderia o pequeno punhado de meninos que professaram seu amor eterno por mim não ser capaz de dizer ou expressar da maneira que Abel Lockwood era, o mesmo homem me pagando para usar meu útero?

Era tudo tão confuso. Minha cabeça começou a doer de tanto pensar.

— Mas se eu talvez pudesse fazer um pedido. — Só pelo seu tom, eu sabia que tudo o que ele estava prestes a dizer me faria mudar. —

Quero que amanhã à noite seja exatamente como se estivéssemos em um relacionamento amoroso e comprometido. Não quero que pareça algo que você só precisa resolver. Quero que seja exatamente como se você fosse minha esposa e estivéssemos prontos para trazer uma criança a este mundo.

De alguma forma, encontrei coragem para deixar meus olhos vagarem de volta para os dele. Sua mão apertou a minha quando eles fizeram.

— Isso significa que eu quero que você se divirta também. Quero ter certeza de que você goze comigo, se houver alguma coisa que você precise, qualquer coisa que você quiser. — A boca de Abel se curvou ainda mais de um lado — Por favor, diga. Ou me mostre. Acho que você vai perceber que sou um aluno bastante rápido e ansioso.

Ok, agora eu definitivamente entendi o que ele queria dizer. Ao mesmo tempo, me senti envergonhada e encorajada. Ele estava me perguntando o que eu queria. Ele estava se oferecendo para dar isso a mim. Antes, um homem como Abel Lockwood nunca olhou na minha direção, e agora, ele estava realizando meus sonhos e se oferecendo para continuar a realizá-los na cama.

O problema era que eu não tinha absolutamente nenhuma ideia de como responder a ele.

— Então aquele pedido sobre mim, você sabe — eu acenei meu dedo entre nós — com você? Eu nunca. Não sei se consigo. — Isso poderia ser mais desconfortável?

— Você nunca? Como em... — a testa de Abel franziu — ...*nunca*?

Eu respondi com um aceno de cabeça.

— Só para deixar claro, estamos falando sobre orgasmos, certo? Você nunca teve um orgasmo?

Procurando no chão, comecei a desejar ter derramado a torta inteira para que pudesse me concentrar em algo diferente de suas palavras e a maneira como ele estava olhando para mim.

— Você está certo. Sobre *tudo* isso.

Uma respiração silenciosa sibilou por entre seus dentes.

Posso muito bem contar o resto agora. Não era como se ele não fosse descobrir amanhã à noite de qualquer maneira.

— Abel?

Ele assentiu.

— Sim?

Mastigando meu lábio, parei por alguns instantes antes de começar.

— Eu também nunca fiz sexo.

No início, minhas palavras não pareceram registrar. Sua testa continuou franzida, sua expressão contemplativa. Em seguida, a compreensão surgiu em seu rosto.

— Isso significa?

— Sim.

Ele esfregou o rosto.

— Você é?

Mudando, eu balancei a cabeça.

— Sim.

Então cometi o erro de baixar meu olhar para uma certa parte da anatomia de Abel que parecia estar recebendo aquela revelação com entusiasmo. Com o corte largo e o material fino de sua calça, e eu imaginei que ele não estava usando cueca por baixo, ele parecia enorme.

— Mas seu arquivo. Não disse. Tenho certeza que não. — Ele estava falando em frases interrompidas, ainda parecendo confuso, e isso me relaxou. Um pouco.

— Não queria que ninguém soubesse, — expliquei. — Não queria que os homens lessem isso sobre mim e despertasse seu interesse. Eu não queria que eles me vissem primeiro como uma virgem e depois como a mãe de seu filho. Isso faz sentido?

Eu o notei acenar com a cabeça enquanto ele deslizou o mais perto que podia em minha direção. Agora, nossos joelhos batiam um contra o outro. O calor de seu corpo irradiou sobre o meu. A força que eu sabia que ele possuía parecia lançar uma rede sobre mim, protegendo— me do mundo inteiro.

— Isso faz você mudar de ideia sobre mim? Agora que você sabe que sou inexperiente? — Eu puxei a barra da minha camisola, de repente autoconsciente.

A mão de Abel se estendeu, parando a minha. Seus dedos percorreram a pele exposta da minha perna.

— Não, — ele respirou. — Mil vezes não. Saber que você guardou seu corpo para isso, para mim. — Sua mandíbula se apertou enquanto os músculos de seus ombros se projetavam sob sua pele. — Estou usando cada fibra de força de vontade que tenho em meu poder para não deitar você aqui mesmo no chão da cozinha e plantar meu bebê em seu útero virgem.

Sua voz vinha baixa em seu peito, me dando arrepios. Eu o imaginei dizendo outras coisas naquele tom no meu ouvido amanhã à noite, seu corpo emaranhado com o meu. Minha pele arrepiou-se. Quando Abel sentiu a pele levantada em minha perna, algo escuro sombreava sua expressão. Parecia que a última fibra de força de vontade havia acabado de se soltar.

Quando abri minhas pernas um pouquinho, sua mão deslizou pela parte interna da minha coxa e deslizou por baixo da bainha da minha camisola.

Meu coração não estava mais na minha garganta. Foi entre minhas pernas.

Sua mão parou quando alcançou o ápice das minhas pernas, seus dedos deslizando ao longo da umidade que cobria minha pele. Quando rolei meus quadris apenas o suficiente para esfregar minha calcinha contra seus dedos, ele gemeu.

Como se eu o estivesse torturando e dando prazer ao mesmo tempo.

— Quero tanto levar você aqui mesmo que acho que poderia morrer se não o fizesse.

Quando os nós dos dedos dele roçaram em mim novamente, provocando um gemido em mim desta vez, as veias correndo em seus antebraços pareciam prestes a explodir.

— Mas farei o que é certo com você, não importa o que aconteça, Adeline Matthews. Eu não vou te foder no chão de ladrilho como estou tentando agora. Mas vou fazer amor com você amanhã à noite, na minha cama, bem e devagar, então não vou te machucar. Vou levar meu tempo para que eu possa lhe dar prazer.

Agora seus dedos estavam me tocando através da minha calcinha, fazendo minha cabeça cair para trás nas gavetas atrás de mim.

— Por que você não pode simplesmente me levar para a sua cama agora e fazer isso? Tecnicamente, é o décimo quinto. — Eu verifiquei o relógio na parede, gemendo quando ele circulou um certo lugar que estava me fazendo sentir como um organismo de mente única.

Eu não perdi o aviso que passou por seu rosto. Ele leu *não me tente*.

— Porque tendo acabado de descobrir que seu corpo está intacto, que nenhum homem tocou em você do jeito que você está me permitindo. — Assim como eu podia sentir algo começando a girar dentro de mim, o dedo de Abel parou de se mover. — Eu não seria capaz de me controlar. Eu não poderia ser lento e cuidadoso. Eu não seria capaz de parar. É por isso que precisamos esperar amanhã à noite. Assim, posso acumular as reservas de contenção que você conseguiu diminuir com uma palavra.

Descendo de qualquer lugar para onde Abel havia me elevado, abri meus olhos para encontra-lo se levantando, sua masculinidade ainda esticando-se através das calças. Ele estava certo. Com ele sendo tão grande e eu tão inexperiente, devíamos ter cuidado. Devemos ir devagar e com firmeza.

Foi o que minha cabeça me disse. Todo o resto estava me dizendo algo mais.

Recolhendo-me em seus braços, Abel me levantou do chão, me levando para fora da cozinha.

— O resto da bagunça. — Eu bocejei, me sentindo sonolento de repente.

Seus braços me seguraram com força.

— Eu cuidarei disso. Eu preciso que você descanse.

— Porque está tarde? — Eu soltei outro bocejo, cavando em seu peito quente.

Ele sorriu no escuro enquanto me carregava pelo corredor.

— Porque você dormirá muito pouco amanhã à noite.

Meu estômago caiu quando o olhar que ele me deu correspondeu à promessa em suas palavras.

Depois de abrir a porta do meu quarto, ele me carregou para dentro, mantendo as luzes apagadas. Ele me deitou suavemente na cama, puxou minhas cobertas ao redor do meu corpo e pairou ao meu lado por um momento. Sua mão afastou o cabelo do meu rosto.

— De todos os homens do mundo, obrigado por me escolher para ser o primeiro a compartilhar seu corpo. — Seu rosto baixou para o meu, então ele beijou minha testa. — Obrigado por me dar o presente do primeiro filho a crescer em seu corpo. Obrigado — ele respirou uma última vez antes de fazer o seu caminho em direção à porta.

— Boa noite, Abel. — Rolei para o lado, observando— o sair.

— Boa noite, Adeline. — respondeu ele, parando na porta apenas o tempo suficiente para enviar um sorriso sexy por cima do ombro para mim. Pouco antes de ele chupar alguns de seus dedos. — A propósito, sua cereja está deliciosa.

Senti meus mamilos endurecerem, apesar do calor dos cobertores sobre mim. Eu retornei seu sorriso inclinado.

— Você não quer dizer que minha *torta de cereja* é deliciosa?

Foi quando percebi quais dedos ele tinha acabado de provar. Os mesmos que ele tinha sob a minha camisola.

Seus olhos sorriram de volta para mim quando ele deslizou pela porta.

— Isso também.

Abel

Cristo. Ela era virgem!

Eu entendi por que Adeline não queria mencionar isso em sua papelada com a agência. Ela estava certa. Isso teria sido especialmente atraente para os pretensos pais, e em vez de cinco outros candidatos, eu teria enfrentado uma legião deles.

Inferno, era tudo em que eu conseguia pensar, e já tínhamos chegado a um acordo com nosso arranjo. Não era apenas a pura emoção ancestral de ser o primeiro a conhecer o corpo de uma mulher que estava me possuindo. Parte do lembrete constante era que, quando esta noite chegasse e Adeline estivesse abaixo de mim, sua virgindade precisava estar em minha mente quando eu a reivindicasse. Eu não poderia machucá-la. Eu *não* a machucaria. Mesmo que isso significasse quebrar minha mandíbula por segurar, eu garantiria que meu corpo não causasse dor ao dela esta noite.

Eu não queria plantar meu bebê nela enquanto ela se contorcia de dor embaixo de mim. Queria plantar meu bebê nela enquanto ela experimentava o primeiro prazer erótico de sua vida. Desejava seus dedos arranhando minhas costas enquanto eu a levava, não cavando no colchão enquanto ela se preparava. Eu queria seus quadris balançando para encontrar os meus, não se inclinando para longe da dor. Eu queria que meus suspiros e gemidos de prazer se misturassem aos dela, não gritos de dor ou gemidos de medo.

Eu queria fazer amor com o corpo dela pela primeira vez do jeito que Adeline Matthews merecia. Eu faria isso.

Minha mão tinha que estar perto de desenvolver calosidades pelo número de vezes que eu tive que me ajustar hoje, mas era impossível pensar em rastejar para a cama com Adeline e estourar sua cereja doce sem ficar duro como uma rocha. Eu teria sorte se chegasse ao final do dia sem gozar nas minhas calças.

Apenas o pensamento de sentir sua boceta intocada, olhando em seus olhos enquanto eu rompia sua parede virgem. Eu teria sorte se chegasse às cinco horas sem estourar a carga que estava guardando para ela.

O trabalho normalmente me focava, mas não hoje.

Hoje, o trabalho estava apenas me enfurecendo. E certamente o relógio estava brincando comigo, desacelerando o tempo porque podia sentir minha impaciência.

Enquanto eu colocava minha gravata, uma batida soou na porta do meu escritório. Fechando o e-mail que passei metade da tarde estudando, recostei-me na mesa.

— Sim?

Um rosto familiar apareceu pela porta agora aberta.

— Você perdeu a reunião de recapitulação semanal.

Meu rosto caiu.

— Porra. Eu fiz. — Balançando a cabeça, verifiquei a hora. Eu tinha perdido meus alertas de computador e telefone, não que eu normalmente precisasse deles. Minha agenda estava tão programada em minha cabeça que funcionava no piloto automático na maioria dos dias. O trabalho nunca tinha ficado em segundo plano na minha vida, então por que aconteceu isso hoje?

— Perdi alguma coisa importante?

Ronan se apoiou na parede à minha frente, puxando a gravata. O irmão Lockwood mais novo não era exatamente o tipo da empresa como nós três restantes eramos. Ele teria ficado feliz vestindo uma camisa havaiana e vendendo cocos no acostamento de alguma estrada em uma ilha, mas mesmo com o espírito livre como era, ele reconheceu a importância da empresa que nossa família construiu do zero. Ele pode ter odiado o terno e a gravata que vieram com ele, mas ele aceitou.

— Você não perdeu nada além do CEO falando sobre o crescimento de vinte por cento que a empresa experimentou no último trimestre e os vinte e cinco projetados para o próximo. Baldes de dinheiro, baldes de dinheiro, projeto humanitário do mês, baldes de dinheiro, reunião encerrada. — Ronan bateu palmas. — Isso é o que você perdeu. Você está todo atualizado agora.

— Como estava o CEO Lockwood hoje?

— Você quer dizer papai? — Ronan encolheu os ombros. — Além de perceber definitivamente a ausência de seu filho mais velho, o filho que ele está preparando desde a infância para assumir quando se aposentar, ele ficou checando o relógio como o resto de nós, pronto para o fim de semana começar.

Comecei a redigir um e-mail rápido para o CEO, também conhecido como papai, pedindo desculpas por perder a reunião. Quando estávamos dentro da Lockwood Enterprises, nos referíamos a ele como CEO ou Sr. Lockwood. Era mais simples separar a figura paterna e chefe. Achei que era mais fácil para ele também.

— Tem planos para o fim de semana? — Eu perguntei.

Ronan sorriu.

— Sempre. Você?

Minha garganta se limpou enquanto eu digitava o e— mail.

— Eu tenho algumas coisas planejadas. — *Como tirar a virgindade da mulher que contratei para ter meu filho.*

Fantástico. Outra ereção. Rolando mais para baixo da minha mesa, cerrei meus dentes e tentei ignorar a imagem de Adeline rastejando sobre meu pau e me montando até que meu esperma pingasse de seu corpo.

— Qualquer coisa divertida? — A voz do meu irmão mais novo me tirou da névoa de luxúria. — Um pouco, — eu suavizei.

— Você sabe que para se divertir no fim de semana, é preciso que um cara da sua idade divida parte disso com uma mulher, certo? Quer dizer, entendo que você perdeu o memorando e eles se cruzaram, então você acha que o trabalho é o ápice da vida, mas acredite em mim, é divertido. É muito *divertido*. — Suas sobrancelhas preencheram o resto, ou talvez fosse minha imaginação especialmente criativa, embora suja. Quando fiquei em silêncio, concentrando-me em meu computador, Ronan bateu palmas.

— É isso, não é? Deus, sou um idiota. Claro que é. Você está perdendo a reunião, sendo evasivo com suas respostas, há uma mulher na vida de Abel Lockwood. Não é?

De jeito nenhum eu estava falando sobre Adeline com Ronan. Na verdade, eu não estava pronto para falar sobre ela com nenhum membro da minha família. Não porque estivesse constrangido ou envergonhado do que estava fazendo, mas porque sabia que eles não entenderiam. Meus pais se apaixonaram e criaram sua família de forma socialmente aceita. Meus dois irmãos do meio também. Para eles, o amor veio fácil.

Um dia, talvez eu contasse a eles a verdadeira maneira como me tornei pai. Até então, eu estava feliz em manter isso em segredo.

— Ei, se você precisar de alguma dica com essa garota misteriosa, você sabe a quem procurar. — Ronan empurrou a parede, indo para a porta.

— Não tenho certeza se quero conselhos sobre mulheres de alguém que tem o histórico de um caracol, — eu atirei antes que ele pudesse passar pela porta.

Ele me lançou um olhar ferido.

— Ei. Pelo menos eu tenho um histórico. — Ele deixou isso pairar no ar antes de levantar uma sobrancelha. — Oh, a propósito, o mosteiro ligou mais cedo. Disse que suas vestes estão todas passadas e prontas para você vestir sempre que quiser fazer os votos. Não que você ainda não tenha vivido esse estilo de vida.

Quando peguei uma das bolas de basquete autografadas exibidas na minha mesa, Ronan desapareceu. Eu ainda joguei, porém, para fechar minha porta para que eu pudesse ler o resto do e-mail e chegar em casa para Adeline.

Depois de enviar minhas desculpas por faltar à reunião, reabri o e-mail de antes. Depois de examinar a lista de mães doadoras no banco de dados do Love Child e reduzi-la a Adeline, contratei um detetive particular para fazer uma investigação mais completa de seu histórico. Não porque não confiasse nas respostas dela ou na diligência devida da agência, mas porque precisava saber tudo o que havia para saber sobre a mãe do meu filho. Eu não queria apenas os detalhes. Eu queria as letras miúdas também.

A papelada da agência repassava sua história de nascimento e crescimento em Indiana. Ele detalhou seus pais, suas irmãs, e que ela viveu em uma fazenda. Listava suas atividades enquanto crescia, GPA² e clubes nos quais ela tinha se envolvido. Eu senti como se soubesse tudo o que havia para saber sobre Adeline apenas por aquele arquivo, mas sempre havia mais em uma pessoa do que qualquer biografia completa poderia esperar cobrir.

Esse foi o motivo da investigação. Eu não queria apenas conhecer a Adeline Matthews apresentada pela agência, eu queria conhecer a mulher por trás de tudo isso.

Eu sabia que ela vinha de uma família trabalhadora de fazendeiros com dificuldades financeiras, mas não sabia que seu pai morrera recentemente, deixando a fazenda e sua esposa e filhos em apuros. Sabia que Adeline era a mais velha de sete filhas, mas não como ela se

² GPA: média de notas

apresentou para tentar manter a fazenda funcionando nos meses após a morte de seu pai. Além disso, Adeline tinha decidido se tornar uma doadora porque ela queria dar o presente da paternidade a um pai merecedor e não via no seu futuro que ela poderia encontrar essa pessoa sozinha, mas agora eu também sabia que ela tinha feito isso para cuidar de sua família.

O dinheiro que ela ganharia tendo meu filho seria mais do que suficiente para salvar sua família e sua fazenda. Ela estava sacrificando muito pelos outros. Para eles. Para mim.

E eu estava convencido de que Adeline Matthews não poderia ser mais bonita do que quando estava sentada no chão da minha cozinha, limpando o recheio de torta de cereja e compartilhando seus segredos mais pessoais comigo.

Ainda não eram cinco horas. Mal eram quatro. Em um dia normal, não saí do escritório antes das nove.

Hoje, porém, não foi um dia típico.

Desliguei meu computador, peguei minha pasta, me ajustei para o que eu esperava que fosse uma das últimas vezes antes que eu pudesse finalmente saciar meu desejo e deixei meu escritório.

A viagem do escritório para o meu apartamento parecia se arrastar, apesar do jeito que eu estava puxando meu Bentley para dentro e para fora do trânsito. A subida no elevador foi a mesma. Meu corpo inteiro estava disparando para a vida, parecendo sair de uma hibernação que eu não sabia que tinha estado.

Largando minha pasta na entrada, entrei na sala de estar. Estava vazio. A cozinha era a mesma. Helen normalmente tinha folga aos domingos, mas eu dei a ela esta sexta e sábado de folga também. Queria estar livre para fazer tanto barulho e usar qualquer superfície da minha casa sem me preocupar em ser ouvido ou visto. Achei que Adeline seria modesta e não seria capaz de relaxar se ela estivesse preocupada com Helen vagando enquanto eu balançava contra ela no chão da cozinha como eu estava fantasiando desde a noite passada.

Movendo-me para o corredor, parei fora do quarto de Adeline. A porta estava meio fechada. Achei que ela não se importaria se eu abrisse para entrar, mas queria que ela sentisse que este quarto era seu próprio espaço. Eu queria que ela soubesse que eu respeitava sua privacidade.

Não ouvi nenhum som vindo de dentro, então ela deve ter saído. O bilhete que coloquei debaixo da porta dela esta manhã indicava que provavelmente não estaria em casa até mais tarde. Agora que eu estava

aqui, pronto, e meu pau estava prestes a encenar uma revolta se eu não fizesse algo sobre ele, eu realmente gostaria de não ter enfiado aquele bilhete no quarto dela. Eu deveria saber que quando eu tivesse Adeline e seu corpo virgem esperando para receber minha semente, não haveria como ficar no escritório como eu normalmente fazia.

Um gemido torturado retumbou em meu peito quando me lembrei de como ela se sentiu na noite passada. Ela estava tão molhada que meus dedos estavam praticamente pingando quando eu os puxei de volta, e do jeito que o doce mel tinha o gosto. Eu poderia estar desesperado para ter meu pau enterrado entre suas pernas, mas eu estava impaciente para colocar meu rosto entre elas também.

Sabendo que não poderia ficar do lado de fora da porta de seu quarto pelas próximas horas sem me dar um ataque cardíaco, eu caminhei pelo corredor até o meu quarto. Eu precisava de um banho quente para dissipar a tensão em meus músculos.

Meu quarto ficava no final do corredor e tinha uma bela vista da cidade. Uma parede inteira era feita inteiramente de janelas e, na maioria das noites, adormecia sob as luzes de Chicago. Hoje à noite, eu estaria dormindo com Adeline.

Deus, eu me perguntei o que ela estaria vestindo quando viesse para mim. Se ela usasse o mesmo tipo de camisola que vestia na noite anterior, completa com aquela calcinha de algodão macia, provavelmente eu morreria ali mesmo. A inocência de Adeline a tornou muito mais importante para mim. Eu preferiria sua versão de roupas íntimas a qualquer revista de lingerie a qualquer dia.

Enquanto eu tirava meu terno, eu me perguntei o que ela gostaria. Já que esta seria a primeira vez, teríamos que responder a essas perguntas esta noite, mas me perguntei se até ela sabia do que gostava. Como ela se tocou? Ela gostou do jeito que eu a toquei na noite passada? Pela expressão em seu rosto, parecia que sim. Ela gostaria que meus dedos a explorassem? Minha língua? O que ela pensaria quando eu chupasse seus mamilos redondos em minha boca, um de cada vez, adorando-os do jeito que eles mereciam?

O que ela faria quando eu colocasse minha boca nela lá embaixo? Achei que ela ficaria desconfortável com isso, pelo menos no início. Pelo menos até eu mostrar a ela o quanto eu amo dar a ela esse tipo de prazer. Até ela aceitar que eu poderia passar o resto da minha vida enterrado entre suas pernas e nunca ter o suficiente.

Fiquei no chuveiro pelo que pareceu uma hora, deixando a água quente tentar acalmar meu corpo tenso. Nem uma vez meu pau pensou em fazer uma pausa, e eu duvidava que faria até que ficasse dentro do

corpo de Adeline. Eu poderia passar o fim de semana inteiro enterrado dentro dela e não estar nem perto de me sentir exausto.

Saindo do chuveiro, uma nuvem de vapor encheu o banheiro, então, depois de amarrar uma toalha em volta da minha cintura e me apoiar no balcão por alguns minutos, abri a porta e entrei no meu quarto, o vapor saindo atrás de mim.

Ao mesmo tempo que a notei, ela deve ter reparado em mim. Um grito de surpresa caiu de sua boca ao mesmo tempo que os itens que ela colocara sobre o braço caíram no chão.

— Sinto muito. — disse ela, girando como se a visão de mim molhado e quase nu fosse proibida. — Achei que você ainda estava trabalhando. Eu nunca teria entrado se eu soubesse que você estava. — Sua mão acenou de volta para mim, ainda de costas para mim.

— Nu? — Eu preenchi por ela, seriamente excitado por ela se sentir tão envergonhada por tropeçar em mim desse jeito.

— Apenas saindo do chuveiro, — ela corrigiu. — Você não está nu. Pelo menos não totalmente.

Olhando para a toalha pendurada em meus quadris, minhas sobrancelhas levantaram. Que diabos? Ela estava prestes a me ver nu e muito mais. Eu poderia muito bem dar a ela uma visão completa para que ela soubesse o que estava por vir.

— Eu *não estava* nu. — Puxando minha toalha, segurei— a e a deixei cair no chão.

Adeline estremeceu ao ouvir a toalha cair no chão.

— Eu fui. Eu fui a lavanderia e me preparar para...para . . . mais tarde.

Agora fui eu quem tremia. Com suas palavras. Em sua inocência tímida. Ao saber que eu seria o primeiro homem a conhece-la intimamente e o primeiro a enchê-la com seu filho. O vestido lindo que ela estava usando era semelhante ao que ela usava ontem, mas este era um pouco mais curto e abraçava suas curvas um pouco mais perto.

O desejo de levantar a bainha de seu vestido e tocá-la para ver se encontraria a mesma umidade da noite anterior tornou-se forte o suficiente para que eu me dirigisse para ela.

— Por que você pegou meus ternos, Adeline? Esse não é o seu trabalho. — Eu inspecionei o punhado de ternos espalhados a seus pés. Meu peito apertou quando percebi que ela pensou em pegá-los,

provavelmente percebendo meu bilhete na geladeira pedindo a Helen que por favor pegasse quando pudesse.

Como se ela tivesse sido lembrada deles, ela se agachou e colocou os ternos embalados em plástico de volta em seus braços.

— Eu sei, mas achei que seria bom. E não estou acostumada a ficar sentada. Eu cresci em uma fazenda. Trabalhamos muito. Todo dia. Não gosto de ficar sentada olhando pelas janelas ou mudando de canal. Eu gosto de trabalhar. Para me manter ocupada. — Ela fez uma pausa assim que pegou meus ternos, parecendo saber que eu tinha vindo atrás dela, mas estava com muito medo de olhar para trás.

— E você pensou que iria se manter ocupada correndo pela cidade para pegar minhas roupas na lavanderia? — Eu olhei para ela correndo cuidadosamente suas mãos sobre meus ternos como se fossem seus.

— Isso e poderia ter plantado um pequeno jardim de ervas lá fora, descongelado o freezer, preparado um pouco mais de café — quando ela olhou para trás, ela deve ter notado que minha boca estava começando a abrir — e algumas outras coisinhas. E antes de você falar sobre eu não estar aqui para fazer essas coisas ou não esperar que eu faça essas coisas ou o que quer que você esteja prestes a fazer, — finalmente, seus olhos encontraram os meus. — Eu fiz isso porque eu quis.

Minha boca se contraiu.

— Então, obrigado.

Dando um aceno conciso, sua cabeça girou para trás enquanto ela se levantava, movendo-se em direção ao meu armário.

— Vou pendurar isso e dar a você um pouco de privacidade.

Ela estava nervosa. Eu poderia dizer pela posição de seus quadris e o tom de sua voz. Eu amei como eu já podia sentir suas emoções. Como me senti como se tivesse na ponta do meu dedo o controle de seus sentimentos.

— Eu não quero privacidade. Não de você, Adeline. O resto do mundo, tudo bem, mas a última coisa que eu quero de você agora é que você me dê um pouco de privacidade.

Seguindo-a para o meu closet, eu parei na porta. Ela sabia que eu estava lá, então pendurou meus ternos e continuou de costas.

— Eu queria tomar um banho primeiro. Eu queria me transformar em algo diferente. — Ela beliscou a barra do vestido, levantando-o

enquanto o inspecionava como se estivesse abaixo da média. — Eu queria estar pronta para esta noite, estar pronta para *você*.

Minha garganta apertou com suas palavras.

— A mulher que está na minha frente agora é a coisa mais linda que eu já vi. Não há nada que você possa fazer para ser mais bonita do que é agora.

Ela deixou a barra do vestido cair, inspecionando as palmas das mãos. As mãos de Adeline eram fortes e tinham calosidades para provar isso. Olhando— a, ela era tão frágil quanto um pássaro, mas quando a conhecia, ela era a coisa mais forte por perto.

— Eu sou simples. Perfeitamente comum. Você não precisa tentar me convencer do contrário. Estou feliz com quem sou, mas, por favor, não minta para mim. Você não precisa me dizer que sou bonita para me fazer dormir com você. Eu já concordei com isso.

Como ela poderia não ver? Como ela não sabia? Aproximando-me, lutei contra o desejo de envolver meus braços em torno dela e puxá-la para mim.

— Estou dizendo isso porque é a coisa mais verdadeira que já disse. Não porque eu esteja mentindo para você ou tentando fazer você dormir comigo ou por qualquer outra razão que não seja porque é a verdade. — Eu deixei minha mão deslizar em torno de sua cintura.

Ela tremeu, mas não se esquivou.

— Eu queria que esta noite fosse especial.

Incapaz de lutar contra o desejo de estar perto dela, eu me aproximei até que meu peito pressionasse suas costas. Meu pau duro se projetou entre nós, cutucando-a na bunda. Ela se encolheu, mas em vez de se afastar, ela se aproximou até que seu traseiro macio e cheio estivesse pressionado na minha virilha.

Uma respiração irregular sibilou de mim quando senti o calor de sua pele através do material de seu vestido, aquecendo meu pau.

— Isso vai ser especial, não importa como ou onde o fizermos, não importa o que você esteja vestindo ou não. Você está me dando o presente da sua virgindade. Isso é especial.

Deslizando seu cabelo para trás, abaixei minha boca em seu pescoço para prova-la. Ela deu um pequeno gemido quando chupei a pele delicada. Eu sabia que não deveria, mas, droga, não pude deixar de

colocar minha marca nela. Ela tinha o gosto que eu esperava, doce como cerejas, com um toque de inocência.

— Estou prestes a colocar meu bebê dentro de você, eu respirei contra ela. — Essa é a coisa mais incrivelmente especial em todo o mundo. Apenas relaxe, baby. Isso vai ser especial. Vai ser perfeito. Porque estou compartilhando com você.

Ela começou a respirar mais rápido quando meu braço a envolveu, prendendo seu pequeno corpo contra o meu. Seu peito pesado derramou acima do meu braço, fazendo minhas bolas doerem com o que eu construí apenas para ela.

— Eu não sei o que estou fazendo, — ela sussurrou, mesmo quando sua bunda começou a mexer para cima e para baixo no meu comprimento até que suas bochechas estavam essencialmente me fodendo através de seu vestido.

Minha mão se fechou em um punho, meus dentes cerrados enquanto me obrigava a segurar. Não serviria de nada gozar em toda a sua bunda quando eu estava tentando engravidá-la.

— Não acho que serei muito boa no começo. Apenas me diga o que fazer, mostre-me o que você precisa. — Sua voz ofegante, combinada com sua bunda trabalhando em mim, tornou-se demais. Eu tive que dar um passo para trás para não perder tudo sobre aquele lindo vestido floral.

— Adeline, baby, — virei-a para poder olhar em seus olhos. — você é perfeita em todos os sentidos. Do jeito que você sorri, do jeito que você ri, do jeito que você irá foder. Chega de preocupação. Apenas relaxe e deixe-me cuidar de você.

Seus olhos estavam arregalados, animados e, embora suas bochechas estivessem coradas, ela nunca desviou o olhar. Dando um aceno nervoso, ela deu alguns passos para trás. Seu vestido tinha mudado de posição com o nosso carinho, e o decote tinha sido abaixado o suficiente para que eu pudesse ver o material rosa pálido de seu sutiã. Aposto que seus mamilos eram da mesma cor bonita. Eu mal podia esperar para ver se estava certo. Não podia esperar para ver se eles eram tão doces quanto o resto dela.

Ela soltou um suspiro, seu olhar caindo pelo meu corpo. Para o ponto exato do meu corpo que estava literalmente latejando de desejo por ela. Eu vi seus olhos se arregalarem, meu demônio interior se regozijando. Enquanto Adeline parecia excessivamente tímida, eu definitivamente não estava. Eu amei vê-la olhar para mim, me absorver. Eu me delicieei em assistir seus lábios se abrindo, suas pupilas dilatando

enquanto percorriam minha virilha. Eu amei saber que minha excitação estava estimulando a dela.

Adeline cravou os dentes no lábio inferior, continuando a me estudar.

— Posso tocar em você?

Eu grunhi como se ela já estivesse.

— Você não precisa perguntar. Venha aqui. Coloque suas mãos em mim.

Seus dentes ainda estavam mordendo aquele lábio incansavelmente, enquanto deslizava em minha direção. Eu esperava que a mão dela roçasse meu estômago primeiro, talvez moldasse em volta do meu traseiro, o que eu não esperava da minha virgem tímida e inocente era que seus dedos envolvessem meu pau, me segurando com firmeza. A respiração ficou presa em meu peito com a sensação de sua mão em mim. Por mais tímida que tivesse sido, não havia nenhum traço de timidez em seu toque.

Seus cílios baixaram enquanto ela olhava para sua mão em volta de mim, enquanto mordida seu lábio. Minha boca encheu de água, querendo mordiscá-los também.

— Como isso deve caber dentro de mim?

Quando sua mão começou a se mover contra mim, tive que apertar minhas bolas para não gozar. A sensação de sua pele contra a minha, a sensação dela deslizando contra mim, Deus, eu não podia esperar para me enterrar dentro dela.

— Eu vou ser gentil, — eu disse asperamente. — Serei cuidadoso. Vou bem devagar. Eu prometo.

Em seguida, sua mão girou em torno de mim suavemente, quase como se ela estivesse me avaliando.

— Não tenho ideia de como algo tão grande pode caber em algo tão pequeno, mas vou confiar em você.

Ouvi-la dizer isso, sentir sua mão espiralando para cima e para baixo em mim, me fez vazar minha primeira gota de pré-sêmen. Dei outro puxão em minhas bolas, sabendo que não poderia esperar muito mais.

Sua outra mão encontrou a minha, espalhando seus dedos em cada um dos meus.

— Não tenho certeza se um desses seus dedos vai caber dentro de mim.

Enrolando a mão em volta do meu pulso, ela deslizou minha mão em seu corpo até que estava deslizando pela saia de seu vestido.

— Sinta, — ela sussurrou, puxando sua calcinha de lado para me dar melhor acesso.

No início, eu apenas corri meus dedos suavemente contra ela, meu coração pronto para sair do meu peito quando eu senti que contra toda as probabilidades, ela estava de alguma forma ainda mais molhada do que na noite passada.

Ela estava molhada para mim. Este foi o convite de seu corpo para o meu. A maneira de sua vagina expressar sua necessidade. Eu resisti ao desejo irresistível de levantá-la, prendê-la contra a parede e dar àquela boceta necessitada exatamente o que ela estava implorando.

Virgem, eu me lembrei. Seja cuidadoso. Gentil.

Mergulhando em uma ducha fria proverbial, continuei minha exploração.

— Dentro. — Adeline agarrou minha mão novamente, abaixando. — a um pouco. Estendendo meu dedo, ela o deslizou em direção a sua abertura. — Sinta-me por *dentro*.

Mais pré-sêmen. Porra. Eu estava me comportando como uma pré-adolescente, perdendo a cabeça por toda parte.

Empurrando meu dedo para dentro, não fui muito longe antes de perceber que ela estava certa. Meu dedo mal cabia. Como diabos eu iria encaixar a besta implorando para ter seu caminho dentro deste canal apertado?

Seus quadris deslizaram para baixo em meu dedo, sua boca se abriu quando eu a penetrei mais profundamente. Esta foi a coisa mais quente que eu já experimentei, e meu pau não era nem mesmo o apêndice movendo-se dentro dela.

— Mais fundo. — ela gemeu.

Por mais ansioso que eu estivesse para atender a todas as suas demandas, eu não a foderia primeiro com meu dedo. Não, essa honra pertencia ao meu pau. Ele tinha sido paciente e estava prestes a ser recompensado por isso. Ela deu um pequeno gemido quando eu puxei para fora.

Chupei meu dedo, certificando — me de que ela estava me observando enquanto eu fazia isso.

— Uma cereja tão doce. É uma pena que terei que estourá-la, mas acho que você achará a recompensa muito mais agradável.

Ligando minha mão com a dela, eu a levei para fora do armário e de volta para o meu quarto, acendendo alguns abajures enquanto ia. Eu queria tantas luzes quanto possível. Eu não queria perder nada.

Quando chegamos ao pé da minha cama, peguei uma das cadeiras enfiadas em um canto do meu quarto e deslizei para mais perto. Adeline esperou, me observando. Agora que não estávamos nos tocando, ela parecia insegura novamente, aquele ar de inocência agarrado a ela. Isso me fez ter pensamentos nada inocentes.

— Tire a roupa, — eu disse, sentando na cadeira na frente dela. — Tire a roupa para mim, Adeline.

Parecendo hesitante, ela me estudou reclinado na cadeira à sua frente. Então ela inalou lentamente e cruzou os braços na frente dela, os dedos enrolando em torno da bainha do vestido. Ela o ergueu, centímetro por centímetro agonizante.

Inclinando-me para frente, molhei meus lábios quando sua calcinha começou a aparecer. Como seu vestido, eles eram de algodão e tinham pequenas flores pontilhadas neles. Tão inocente. Tão puro pra caralho. Meu olhar se ergueu com o vestido dela, querendo levar uma semana para admirar cada pedaço de pele recém-exposta. Mas isso teria que esperar. Meu pau estava pulsando com tanta necessidade que eu podia sentir em minhas têmporas.

Seus seios tremeram quando ela puxou o vestido por cima deles, aquele sutiã rosa pálido tão doce que me fez pensar em coisas sujas. Eu ainda estava me divertindo com seus seios quando ela deixou cair o vestido no chão aos meus pés. Ela ficou lá, insegura, cobrindo-se um segundo antes de deixar cair os braços ao lado do corpo.

Quando percebi a mancha molhada aparecendo através de sua calcinha, toda para mim, rosnei.

— O resto, Adeline. Mostre-me tudo de você.

Braços trêmulos alcançaram suas costas para desabotoar o sutiã. Deslizando uma alça por seus braços de cada vez, ela deixou o sutiã cair sobre seus pés. Ela estava lutando contra o instinto de se cobrir, mas não o fez. Ela me deixou admirá-la.

Seus mamilos estavam duros de sua excitação, e por Deus, eu estava certo sobre eles serem aquele tom rosa de seu sutiã. Eu ainda estava preocupado, fantasiando sobre o que eu queria fazer com aqueles seios fartos, quando Adeline enganchou os dedos por baixo da calcinha e a deslizou pelas pernas.

Minha fixação com seus seios mudou para a parte de si mesma que ela acabou de expor para mim. Outro estrondo disparou em meu peito quando percebi que era o primeiro homem a tocar aquela boceta. O primeiro a explorá-la. O primeiro a enchê-la com sua semente na esperança de encher seu estômago com meu filho.

Vendo Adeline parada diante de mim, perfeita em todos os sentidos, fui atacado por um desejo possessivo de garantir que não fosse apenas o primeiro homem a conhecer seu corpo, mas o único também. A sensação de tal posse brotou de dentro de mim, minhas veias pareciam pulsar com o desejo.

— Eu poderia sentar aqui e olhar para você pelo resto da minha vida, mas temo que vou me envergonhar se não entrar em você logo.

Espalmando minha virilha dolorida, senti mais evidências de pré-sêmen. Com o jeito que eu estava todo agitado, eu teria sorte de quebrar sua virgindade antes de lançar minha semente nela.

— Em cima da cama.

Ela não parou para pensar. Hesitação não passou por seu rosto. A meu pedido, Adeline deu a volta ao pé da minha cama e sentou— se nela. Ela deslizou para o centro da minha cama, deitada, com as pernas ligeiramente abertas e o peito subindo e descendo com força.

Eu me movi para fora da cadeira com tanta força que consegui exercer. O barulho a fez estremecer, mas ela ficou onde estava, oferecendo-se para mim. Olhando para ela deitada na minha cama, eu sabia que nunca seria capaz de retornar a ela sem pensar sobre esta imagem do corpo puro de Adeline, sua expressão nervosa, mas seus olhos confiantes. Quantas noites eu passaria reencenando essa cena em minha cabeça até encontrar a liberação?

Minha mão caiu em seu estômago. Os dela dobrados sobre os meus. Sua barriga era macia, mas plana. Eu mal podia esperar para remediar isso. Eu mal podia esperar para vê-la crescer com nosso filho.

— Você ainda quer me dar um filho, Adeline? — Eu sussurrei.

Um sorriso se formou quando ela assentiu.

— E a sua virgindade, tudo na mesma noite? — Minha mão desceu por seu estômago.

— Acho que para cuidar de um, teremos que cuidar do outro também. — Sua respiração estava superficial.

A princípio pensei que era porque ela estava muito nervosa. Então meus dedos deslizaram pelas dobras de sua boceta.

Gemendo, eu rodei meus dedos em torno de sua umidade fresca. Ela ficou tão molhada apenas deitada aqui que criou uma mancha úmida no meu edredom.

— Para uma boceta virgem, ela com certeza parece gostar de pau, baby. — Soltando meus dedos molhados no meu pau, eu espalhei seu mel ao redor dele, dando a ele um gostinho de como sua paciência estava prestes a ser recompensada.

Incapaz de aguentar mais, eu rastejei para a cama, movendo— me para o espaço entre suas pernas. Meu pau agora vazando em um fluxo contínuo por estar tão perto de sua boceta, eu fechei os olhos com Adeline.

— Abra suas pernas para mim. Mostre— me o que é meu para desfrutar.

Seu corpinho ainda tremia de ansiedade, mas ela não hesitou em dobrar os joelhos e deslizar as pernas abertas para mim. Ver sua boceta assim, totalmente exposta e pronta para ser tomada, enviou uma nova onda de excitação para a minha virilha que quase me fez desmaiar.

Quando sua mão desceu entre as pernas, abrindo— a ainda mais para mim, me aproximei. Eu sabia que meu pau estava a segundos de estourar aquela cereja doce. Eu sabia que estava a segundos de experimentar o maior alívio da minha vida.

Mas primeiro, eu tinha que cuidar de Adeline.

— Eu preciso te deixar bem e relaxada antes de colocar meu grande pau em você, baby. Eu nunca vou me perdoar se eu te machucar, então vou colocar minha boca em você e chupá— la quantas vezes você puder para que sua boceta apertada esteja pronta para tomar meu pau.

Enquanto eu colocava meus braços atrás de sua bunda, abaixando meu rosto entre suas pernas, Adeline levantou— se sobre os cotovelos, cobrindo— se.

— Não há nada para se envergonhar. Com esta boceta perfeita e este néctar doce, você deveria estar sentada em um trono, baby, não se preocupando em se cobrir.

Quando tentei descer sobre ela novamente, suas mãos agarraram meus ombros, me impedindo.

— Abel, não. — Ela ainda estava sem fôlego, mas sua voz era firme. Ela esperou até que eu estivesse olhando para ela antes de dizer qualquer outra coisa.

— Eu não quero que minha primeira experiência como essa com você seja com sua boca ou sua mão ou qualquer outra coisa. — Ela engoliu em seco, a palavra parecendo ficar presa em sua garganta.

— Mais alguma coisa além do quê, minha menina inocente? — Meu sorriso ficou torto quanto mais eu a observava lutar para expressá-lo.

Minha diversão acendeu um fogo em seus olhos. A inocência se transformou em cinzas das chamas.

— Seu *pau*, — ela disse, sem piscar. — Eu quero que nossos primeiros orgasmos um com o outro sejam de você plantando seu bebê dentro de mim, Abel. Eu quero que seu pau me dê o meu orgasmo, não sua língua.

A forma como as palavras sujas derramaram de sua boca me chocou profundamente. Porra. Minha virgem inocente tinha um lado sacana.

— Adeline Matthews, — eu respirei, desenrolando meus braços de seus quadris. Se ela quisesse implorar pelo meu pau, eu daria a ela o que ela queria.

— Você não é apenas perfeita. Não, você é um anjo que caiu direto do céu na minha cama.

Ela sorriu para mim, passando os dedos pelo meu cabelo.

— Eu não acho que os anjos deveriam dizer pau.

Ouvi-la dizer isso de novo me chocou profundamente. Isso me excitou ainda mais.

— Bem, se eles não deveriam dizer pau, eles definitivamente não deveriam fazer o que você está prestes a me deixar fazer com seu corpo.

Eu rastejei para que meus joelhos estivessem cutucando sua bunda, e ela se abaixou de costas novamente. Meu pau, roxo de necessidade, estava se familiarizando com a carne de seu estômago, mas eu parei apenas mais um minuto para admirar a vista dela abaixo de mim assim.

Elevando— se acima dela, eu não perdi o quão vulnerável ela parecia. Como ela era frágil e pequena desse ponto de vista. Isso fez o animal dentro de mim rugir, desesperado para procriar com ela. Acima de tudo, notei o jeito como ela me encarava, com tanta confiança e admiração. Ela só me conhecia algumas horas, mas ela confiava em mim. Eu nunca esperei encontrar alguém como Adeline através de um acordo com Love Child, mas aqui estava ela, tudo que eu sempre quis. Tudo que eu estava procurando. Desejando que meu corpo acasalasse com o dela, implorando— me para dar a ela o tipo de prazer que nenhum homem tinha, oferecendo— se para criar um filho comigo para que eu pudesse conhecer o dom da paternidade.

Adeline era muito mais do que a mãe do meu filho. Ela é o grande amor da minha vida.

Com essa revelação, eu sabia que não podia esperar mais um momento para ser um com ela. Agarrando meu pau, eu o abaixei para sua abertura, que quase parecia que estava liberando um fluxo.

— Tudo isso é para mim, baby? — Eu gemi, deixando minha cabeça mergulhar um pouco na umidade quente e escorregadia que revestia sua boceta.

— Tudo para você, — ela respirou, arqueando as costas quando minha cabeça trabalhou contra a entrada de seu buraco apertado.

— Apenas para você.

— Está certo. Só para mim. Tudo para mim.

As veias em meus antebraços pareciam prestes a estourar por me segurar no lugar, sua entrada estrangulando a merda da cabeça que eu mal consegui empurrar dentro dela. Ela era tão apertada que seria quase impossível não machucá— la. Talvez eu pudesse apenas colocar minha cabeça um pouco mais longe, apenas o suficiente para ter certeza de que, quando eu estourasse sua virgindade, meu esperma a atingisse. Eu ainda poderia engravidá— la dessa forma e não teria que machucá— la no processo.

Do jeito que estava, eu poderia ter gozado se ela falasse mais uma palavra suja para mim.

— Você é muito apertada para mim, — eu disse asperamente, me concentrando em não perder o controle naquele momento. — Não vou arriscar te machucar, então vou apenas apertar um pouco mais por dentro e encher você com todo o esperma que tenho guardado para você. OK baby?

Adeline abriu os olhos e fixou— se nos meus. Ela colocou um braço atrás do meu pescoço, depois o outro. Ao mesmo tempo, suas pernas envolveram minhas costas.

— Não, — ela sussurrou enquanto seus quadris começaram a girar nos meus. *E porra*, ela forçou aquela boceta apertada no meu pau. — Não está bem.

Meu corpo desabou sobre o dela com o prazer cegante, meus braços apenas conseguindo me segurar antes que eu esmagasse seu corpo minúsculo.

— Adeline, não. . . — Minhas palavras sibilaram por entre meus dentes, parando quando afundei mais dentro dela.

— Sim, Abel, — ela sussurrou fora do meu ouvido, acalmando seus quadris por um momento. — Tire minha virgindade. Eu quero que seja você. Agora. Quero saber como é ter seu corpo tão profundamente dentro do meu quanto possível.

Quando seus quadris circundaram os meus, eu dei a ela o que ela queria. Minha ponta esticou mais forte contra sua virgindade.

— Quero me sentir o mais conectada possível a você quando gerarmos esta criança, Abel. Faça amor comigo.

Suas palavras foram a bola de demolição para minha última parede de reserva. Empurrando meus quadris contra os dela, quebrei sua virgindade, assentando— me dentro dela.

O grito de Adeline se enredou no meu, seus dedos percorrendo minhas costas.

— Oh, porra, baby. Você não tem ideia de como isso é bom. — Eu tive que socar a cama algumas vezes para não desmaiar do orgasmo que crescia em minhas bolas.

— Você está bem? Eu não machuquei você, machuquei? — Eu abri meus olhos, todo o meu foco indo para ela.

Abaixo de mim, o rosto de Adeline estava vermelho, seus lábios separados por sua respiração acelerada.

— Estou bem. — Suas mãos deslizaram pelo meu traseiro para enrolar em volta da minha bunda. — Mas estarei muito melhor quando você me fizer gozar. Eu quero sentir meu primeiro orgasmo. Eu quero que seu corpo me dê o meu primeiro. Então dê para mim. — Seus quadris balançaram debaixo de mim, trabalhando meu pau. — Me foda.

Outra maldição assobiou passando por meus dentes. Adeline deve ter sido a depravada sexual mais inocente que já habitou o planeta.

— Não vou durar muito esta rodada. Estou desesperado para encher sua boceta com minha semente, e agora que estou em posição de fazer isso, não vou perder tempo. — Eu grunhi quando comecei a me esfregar nela.

O rosto de Adeline endureceu, suas mãos moldando sobre meus ombros em um esforço para me acalmar.

— Menino ou menina? — ela perguntou, quase freneticamente, parecendo se contorcer da mesma dor de se conter que eu.

— O que quer dizer? — Eu ofeguei, tendo que agarrar minhas bolas para não gozar.

— Você quer que este bebê seja um menino ou uma menina? — ela conseguiu sair em uma respiração.

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— Porque pergunta?

Suas bochechas ficaram um pouco rosadas. Ainda um blush, mesmo quando ela estava cheia de vinte e cinco centímetros de pênis. Merda, outra dose de pré— sêmen. Eu não seria capaz de aguentar muito mais tempo.

— Eu li que há certas posições em que você deve fazer isso se quiser um menino ou uma menina. Quero ter certeza de que faremos isso dessa forma para que você possa obter o que deseja. — Seus olhos permaneceram nos meus o tempo todo.

— Você passou um tempo pesquisando isso? — Abaixei— me para que meu rosto ficasse logo acima do dela.

— Eu queria que você fosse feliz, — ela admitiu, seus olhos se afastando como se ela estivesse confessando algo que não deveria.

Enganchando meu dedo sob seu queixo, inclinei seu rosto em direção ao meu.

— Estou feliz, bem aqui, agora, com você. — Toquei meus lábios nos dela. — E eu vou ficar feliz com o bebê que faremos esta noite. Não importa o sexo, cor dos olhos, QI ou qualquer uma dessas coisas. — Meus lábios roçaram os dela novamente, minha língua provando a costura de sua boca.

— Eu sou o bastardo mais sortudo do mundo por compartilhar essa experiência com você agora, fazendo a criança que estamos prestes a ter. Eu quero você assim. Olhando em meus olhos, minha boca na sua, quando eu derramo minha semente em você.

Para mostrar a ela, eu delicadamente balancei meus quadris de volta para os dela, observando sua cabeça deslizar para cima da cama quando empurrei para dentro dela, vendo— a cair quando eu puxei para fora. Eu observei a forma como seus seios saltaram enquanto meu pau trabalhava em seu corpo e ouvi os pequenos gemidos que ela fez quando me certifiquei de me enterrar o mais fundo que pudesse dentro dela antes de deslizar de volta.

Uma eternidade se passou antes que eu soubesse que estava prestes a gozar. Nenhuma quantidade de restrição poderia me segurar neste momento.

— Venha comigo, Adeline, — eu murmurei, deixando cair minha cabeça para assistir a união de nossos corpos. Meu pau estava tão molhado que brilhava, pingando seu néctar. Quando eu puxei para fora, eu poderia apenas distinguir o leve tom de vermelho revestindo meu pau, a evidência de sua virgindade pintada em mim.

Eu queria tirar uma foto para nunca esquecer esse momento ou a forma como a inocência dela parecia no meu corpo, mas eu sabia que mesmo se tentasse, nunca poderia esquecer isso. Qualquer coisa.

— Sim, Abel, — ela ofegou, cavando seus dedos em minhas costas quando seus olhos caíram para contemplar a cena de nossa união.

— É isso aí, baby. Dê— me seu orgasmo. Me dê o que eu quero.

Ela gemeu com minhas palavras.

— Mostre— me o quanto você quer meu esperma enchendo essa boceta virgem, Adeline. Me dê isto.

— Oh, Abel, — ela choramingou, arqueando as costas embaixo de mim.

Eu sorri, amando a maneira como ela gritou meu nome quando eu trabalhei nela com meu pau. Já que ela estava na beira do orgasmo e eu estava no meu desde a primeira vez que coloquei os olhos em Adeline Matthews, cobri sua boceta com minha mão, circulando seu botão duro com meu polegar.

Seu corpo sacudiu sob o meu.

— Sim— ela ofegou repetidamente até que sua boceta estava pulsando em torno de mim. — Encha— me com o seu bebê, Abel.

A sensação de seu canal apertado me levando ao limite, mas suas palavras foram minha ruína. Meu corpo ficou rígido, todo o meu foco convergindo para o meu eixo enquanto eu sentia o prazer de seu corpo.

— Porra, sim— respirei antes de atirar meu primeiro jato de esperma nela.

— Aí está, baby. — Eu me concentrei em manter minhas estocadas profundas e fortes para garantir que minha semente fosse direto para seu útero. Deus, pelo poder do meu orgasmo subindo pelo meu pau, ela provavelmente estava engravidando neste exato segundo.

O pensamento disso manteve meu disparo de liberação, parecendo não ter fim. Adeline ainda estava se contorcendo abaixo de mim, perdida no prazer de sua própria libertação, continuando a implorar para que eu a enchesse com minha semente. Eu fiz como solicitado, não parando até que pudesse sentir meu esperma começando a jorrar de sua abertura, eu ainda estava bombeando a merda para fora.

— Travesseiros— Adeline respirou com dificuldade, ainda descendo do alto de seu orgasmo.

Eu a encarei enquanto me imobilizava profundamente em seu corpo, regozijando— me. Eu tirei sua virgindade. Eu dei a ela seu primeiro orgasmo. Eu a fiz parecer que estava desmoronando e se recompondo ao mesmo tempo. Eu a enchi com meu filho.

Se eu não estivesse preocupado em assustá— la, teria jogado minha cabeça para trás e rugido.

— Travesseiros, — ela repetiu, seu braço trêmulo girando acima de sua cabeça.

Meus lábios pressionaram sua testa.

— O que quer dizer?

Sua risada suave fez seus seios vibrarem abaixo do meu peito. Seus seios perfeitos. Seus mamilos rosados como pétalas. Eu os negligenciei totalmente. Eu negligenciei muitas das outras peças perfeitas que compunham Adeline Matthews na minha necessidade de enchê— la com minha semente, era um descuido que planejava corrigir assim que tivesse um minuto para recuperar o fôlego.

— Devíamos colocar alguns travesseiros sob meus quadris para mantê— los apoiados. — Ela fez uma pausa para respirar fundo

algumas vezes. — Eu li que é uma boa ideia se você está tentando engravidar, você sabe, para ter certeza de que está. — Suas bochechas coraram, mas ela não hesitou tanto desta vez. — A *porra* bem dentro de mim.

Meu pau saltou de volta à vida ao ver aquela palavra derramar de sua boca.

Peguei alguns travesseiros e coloquei sob seus quadris. Meu pau escorregou livre no processo com um pop molhado. Seu rosto fez beicinho, o que só me fez sorrir como o próprio diabo.

Quando percebi mais da minha semente rolando para fora dela, agarrei outro punhado de travesseiros e os empurrei debaixo dela, olhando para a piscina molhada reunindo— se abaixo dela. Eu teria que substituir tudo o que havia derramado dela por um novo lote.

Logo mais.

— Enquanto você fica deitada aí e deixa minha semente criar raízes, eu também tenho que fazer minha parte. — Levantando meu olhar do meu pau molhado e manchado de vermelho, eu puxei seus joelhos separados. Com tantos travesseiros apoiados embaixo dela, sua boceta estava a centímetros do meu rosto, implorando por atenção.

Eu mal podia esperar para descobrir qual era o gosto dela. Merda, eu provavelmente gozaria tudo de novo, então eu teria que fazer uma pausa para atirar essa carga nela também porque meu esperma era apenas para sua boceta. Não mais desperdiçá— lo na minha mão ou nas paredes do meu chuveiro. Cada gota que eu fazia estava entrando nela até que ela estivesse cheia dele.

— Como assim? — Ela respirou, mesmo enquanto abria mais as pernas para mim, me convidando para mais perto.

— Você não é a única que está lendo sobre as melhores maneiras de engravidar. — Quando beijei sua boceta, ela estremeceu embaixo de mim. Quando passei a acariciá— la com minha língua, seus quadris resistiram. Incapaz de resistir, deslizei meu dedo dentro dela, já sentindo seu orgasmo surgindo de volta à vida. Minha virgem pura era muito sexy.

— E eu li que quanto melhor uma mulher goza, maior é a probabilidade de ela ficar boa e grávida.

Quando minha boca a cobriu novamente, suas mãos caíram para minha cabeça, encorajando meus esforços.

— Abel, com aquela carga que você acabou de depositar dentro de mim, posso dizer que já estou bem e grávida. — Seus dedos se enrolaram em meu cabelo, puxando— o quando eu chupei seu clitóris.

Seu orgasmo estava crescendo, e foda— se se o meu não estava prestes a explodir também. Puxando meu dedo para fora, meu pau tomou seu lugar, bem a tempo. Comecei a gozar no instante em que entrei nela.

Ela também.

Abaixei minha boca ao lado de sua orelha, transando com ela como se não pudesse procriar forte ou por tempo suficiente.

— Então vamos começar a praticar para o bebê número dois.

Adeline

Se Abel não me engravidou ontem à noite, não foi por falta de tentativa. Lembrei— me de ter visto o sol começando a nascer no horizonte quando meus olhos finalmente fecharam, meu corpo uma pilha exausta e saciada.

Seu filho estava dentro de mim. Eu poderia dizer. Fosse o sexto sentido ou o conhecimento da mãe, eu sabia que estava grávida do filho de Abel Lockwood.

Eu sabia desde o início que sempre estaríamos conectados por meio dessa criança, mas o que eu não esperava era a conexão que sentia com Abel diretamente. A noite passada foi sobre mais do que apenas nossos corpos colidindo; nossas almas também. Alguma parte dele estava dentro de mim agora. O mesmo era verdade para mim estar dentro dele.

Abel e eu estaremos conectados pelo resto de nossas vidas de mais maneiras do que o bebê que estava crescendo em meu estômago.

Depois de todas as histórias de terror que ouvi de meus amigos sobre suas primeiras vezes, eu esperava que a noite passada fosse desleixada e dolorosa e uma decepção total.

Não poderia ter sido mais o oposto.

Abel devia saber o que estava fazendo, porque mesmo depois das inúmeras vezes que fizemos amor, eu ainda estava faminta por seu corpo esta manhã quando acordei. Claro, eu estava um pouco dolorida, mas não o suficiente para me fazer fugir de seu eixo rígido quando ele se acomodou entre minhas pernas. Era um bom tipo de dor. Lembrando— me sempre quando me mexia do que tinha feito para obtê— lo.

Quando acordei, Abel não estava na cama. Imaginei que ele provavelmente estava em algum lugar em seu computador trabalhando, embora fosse um sábado. Algo me disse que a ética de trabalho de Abel Lockwood não reconhecia fins de semana.

Um sorriso apareceu no lugar quando senti o algodão macio de sua camisa envolto em meu corpo. Tinha o cheiro dele e se agarrou ao meu corpo do jeito que ele fez na noite passada. Depois da nossa última

rodada, ele lavou suavemente a área entre as minhas pernas antes de me colocar em uma de suas camisetas para dormir, eu nunca dormi nua e não tinha certeza se conseguiria, especialmente com seu corpo nu envolto meu. Depois de se certificar de que bebi um pouco de água purificada para reidratar e engolir um analgésico para ajudar a aliviar minha dor, ele me acomodou em sua cama e me abraçou a noite toda.

Nunca tive um sono melhor. Nem mesmo quando voltava para casa depois de um dia duro de trabalho.

Saindo da cama, fui para a cozinha. Além de ontem à noite me deixar exausta, também me deixou faminta. Assim que decidi fazer alguns burritos para o café da manhã para nós dois, voltei para a cozinha e encontrei alguém ocupado no trabalho.

Ele sorriu quando me viu.

— Com fome? — ele perguntou, virando o que parecia ser um crepe em uma frigideira.

Minha fome foi esquecida quando dei uma boa olhada nele. Ele estava usando a mesma calça que eu o tinha visto na outra noite, praticando Tai Chi, e nada mais. Pelo quão baixo eles estavam pendurados em seus quadris, eu sabia que ele não estava usando nada por baixo das calças também.

— Faminta por *algo*, — eu disse, mordendo meu lábio.

Os olhos de Abel escureceram quando ele deixou seus olhos vagarem pelo meu corpo, desde o lugar em que sua camisa estava deslizando pelas minhas coxas até os meus mamilos cutucando através do material. Ele voltou a se concentrar no crepe.

— Comida de alimento primeiro. *Outro tipo de fome* depois. É extremamente importante que você reserve um tempo para comer agora.

Minha sobrancelha se ergueu.

— Porque estou comendo por dois agora?

Abel encolheu os ombros.

— Ou três. Com tantas vezes quanto eu tomei você na noite passada, com tanto da minha semente quanto eu drenei para você, sua barriga vai ficar cheia de meus bebês.

Minha mão se estendeu para a porta para me equilibrar. As coisas que ele disse e a maneira como as disse me deixaram tonta. Da melhor maneira.

— Um por vez. Prefiro não ser conhecida como a mulher que deu à luz uma ninhada.

Sua cabeça inclinada.

— Uma ninhada de bebês. Eu gosto do som disso.

Rindo, entrei na cozinha.

— Claro que você faz. Você é um animal.

Eu vim por trás dele e envolvi meus braços em volta de sua barriga, inclinando— me em suas costas fortes. Eu não tinha certeza do que estava acontecendo entre nós. Alguma coisa. Algo *grande*. Eu apenas me inscrevi para lhe dar um filho, mas Abel Lockwood era digno de mais do que apenas meu filho. Ele parecia o tipo de homem que era digno do meu coração também.

— Com o que posso ajudar? — Quando beijei sua espinha, ele estremeceu. O que me fez sorrir. Eu adorei ser capaz de fazer um homem de seu tamanho e status tremer com um simples toque.

— Você pode me ajudar sentando— se bem ali para que eu possa olhar para a vista mais bonita de toda a terra enquanto preparo o café da manhã. Ele apontou para a cadeira mais próxima a ele ao redor da mesa do café da manhã.

— Como você está se sentindo esta manhã? — Ele perguntou quando sentei, preocupação aparecendo em seu rosto.

— Fantástica, obrigada por perguntar.

Seu olhar caiu.

— Dolorida?

— Um pouco, — eu admiti com um encolher de ombros. — Mas não tanto, eu gostaria que esta cadeira fosse o seu corpo e eu estava praticando essa posição sobre a qual li. — Em vez de dizer mais nada, mostrei a ele.

Sua mandíbula travou enquanto me observava. Quando tive certeza de que ele estava prestes a jogar a cadeira pela janela e ocupar seu lugar, ele exalou.

— Comida primeiro. Isso depois. — Ele repetiu como se estivesse tentando se convencer.

Eu sorri para mim mesma, amando a sensação de ter muito poder sobre ele.

— Há algo que você queira falar sobre a noite passada? Você sabe, agora que nós dois estamos meio vestidos e não estamos fodendo como um casal de coelhos?

Ele deve ter percebido minha mudança porque estremeceu.

— Eu sinto muito. A linguagem deixa você desconfortável?

— Não— respondi instantaneamente. — Não me importo.

Eu puxei a bainha da camisa de Abel enquanto pensava em dizer algo. Que diabos? Eu abandonei a coisa tímida na noite passada, não fazia sentido trazê— la de volta esta manhã.

— Você acha que poderia falar assim comigo quando estivermos, você sabe . . . — Engoli.

Abel se aproximou da mesa com alguns crepes enrolados em um prato. Ele colocou o prato na minha frente.

— É essa a sua maneira de pedir que eu fale sujo enquanto estou dentro de você?

Sua voz era toda quente e sexo. O pensamento dele dizendo algumas das coisas que eu imaginei naquela voz fez meus músculos se contraírem.

Abel esperou que eu assentisse. Quando eu fiz, sua cabeça abaixou para que sua boca estivesse ao lado da minha orelha.

— Solicitação concedida. — Mesmo que ele não estivesse me tocando, eu podia sentir meu orgasmo crescendo apenas por sua proximidade. — Aqui está sua primeira prova disso, Srta. Matthews.

Seus dentes se afundaram em minha orelha, mais duros do que suaves. Eu me empurrei com o toque afiado.

— Eu quero que você coma seu café da manhã, e eu quero que você coma tudo para que você tenha bastante tempo para deixar essa boceta molhada e pronta para mim. Então eu quero que você limpe a mesa porque eu pretendo dobrar você sobre essa coisa e foder sua boceta gananciosa com meu pau até que você possa provar meu esperma no fundo de sua garganta.

Meu coração estava disparando em meus tímpanos, minha respiração difícil.

— Agora, acene com a cabeça como uma boa menina para que eu saiba que você me ouviu e que você vai fazer tudo que eu acabei de mandar.

Quando o fiz, seus dentes perfuraram meu lóbulo novamente, parecendo ter uma conexão direta com o que estava doendo de necessidade entre minhas pernas.

— Agora coma seu café da manhã. Você vai precisar de sua energia.

Sem outra palavra, ele voltou ao fogão para colocar outro prato na bandeja, deixando— me ofegante como uma cadela no cio. Bom Deus, depois disso, eu estava molhada o suficiente para ele fazer todas essas *coisas* agora, mas eu sabia que ele não se mexeria até que eu comesse meu café da manhã. Então eu cavei. Quanto mais cedo eu terminasse, mais cedo, sim.

Eu devo ter gemido quando dei a primeira mordida no crepe. Ele não perdeu. Eu comi muitas panquecas e waffles na minha vida, mas nunca um crepe. Extravagantes e demorados demais para viver em uma fazenda, eles pareciam um tratamento especial. Ele os recheou com um monte de frutas frescas e o que parecia ser queijo ricota e talvez um pouco de chantilly fresco. Não me passou pela cabeça que esta era uma refeição saudável e equilibrada, já que imaginei que ele insistiria em cada refeição daqui em diante até o meu parto.

O bebê. Eu praticamente podia sentir isso crescendo dentro de mim, invisível a olho nu como eu sabia que seria. Mas ainda assim, eu podia sentir isso dentro de mim. Eu não queria contar a ele até ter certeza depois do teste de sangue que Love Child faria no final desta semana, mas eu sabia.

— Ontem à noite você disse algo. — Eu parei meu garfo de pegar minha próxima mordida.

— Ontem à noite eu disse muitas coisas.

— Algo sobre você querer que eu tenha seu próximo filho também.
— Lá estava. Tudo em uma única respiração.

Abel parou de montar os crepes em seu prato.

— Ah sim. *Essa* coisa.

Eu me mexi na cadeira.

— Você quis dizer isso?

A pele entre suas sobrancelhas se juntou como se ele não pudesse decidir se eu estava falando sério.

— Eu quero que você seja a mãe de todas as crianças que eu sempre sonhei em trazer a este mundo, Adeline. Claro que eu quis dizer isso.

Eu dei um momento para me estabelecer, tentando descobrir uma maneira de formular minha próxima pergunta.

— E você quer ter esses filhos comigo através do Love Child? Ou de uma forma diferente?

Abel se virou para ficar de frente para mim. Ele ainda estava olhando para mim como se estivesse tentando me entender.

— De toda e qualquer maneira que eu posso ter esses filhos com você. Vou deixar você tomar essa decisão por nós.

Ele estava dizendo o que eu pensei que ele estava? Que ele gostaria de ter um filho comigo da maneira tradicional? O namoro, relacionamento, amor, casamento? Era isso que ele estava dizendo? Ou ele estava dizendo que trabalharia em termos semelhantes comigo fora do radar de Love Child, se eu preferisse? Ele estava dizendo algo totalmente diferente?

Eu me importo?

Minha resposta foi imediata, porque não importa o que Abel quisesse dizer, eu teria tantos ou poucos filhos para ele quanto ele quisesse.

Mas havia uma coisa da qual eu precisava ter certeza.

— Ter uma família exige compromisso. Tempo. Mais do que parece que você tem a oferecer com seu estilo de vida sendo o que é agora.

Pensei no que Helen havia dito sobre ele raramente voltando para casa antes do que seria a hora de uma criança dormir. Pensei em sua agenda de viagens para o ano seguinte, que incluía semanas longe de Chicago.

Pensei nos outros caras com quem me envolvi brevemente e na falta de interpretação deles de compromisso.

Abel cruzou a cozinha, colocando seu prato meio feito em frente ao meu.

— Eu sei que minha agenda está cheia e planejada até o último minuto. Sei que meu horário de trabalho sugere uma pessoa que não está interessada em construir uma família, mas isso só porque estou esperando a pessoa certa para criar essa família. Quando eu tiver uma família para voltar para casa todas as noites, não vou precisar ficar muito tempo longe, evitando o vazio que está esperando por mim agora.

Para me distrair das lágrimas que senti chegando, cortei outro pedaço de crepe e coloquei na boca.

— Posso prometer a você com cada palavra que sei que estou comprometido com isso, mas prefiro provar isso a você por meio de minhas ações. — Abel deslizou na cadeira em frente a mim, pegando minha mão. — Mas isso significa que primeiro você tem que confiar que sou um homem de palavra. Você vai confiar em mim, Adeline? Você confia em mim?

Minha mão encontrou seu caminho para a sua, virando— se para que nossas palmas ficassem pressionadas uma contra a outra. Às vezes, a única maneira de saber se você pode confiar em uma pessoa é se arriscar e ver o que ela faz com isso.

— Eu confio em você. Eu acredito que você vai se comprometer em criar esta criança e quaisquer outros que possamos fazer juntos.

Basta perguntar a ele, Adeline. Pergunte se ele quer que eu seja a mulher que dá à luz seus filhos ou a mulher que os cria ao lado dele. Eu não poderia fazer isso, no entanto. Eu estava muito preocupada em colocá— lo em uma posição difícil, e queria aproveitar o resto do fim de semana com ele, não importando o que ele quisesse de mim no final.

— Os poucos meninos que namorei enquanto crescia me mostraram que a definição masculina de compromisso é diferente da minha. Eu só tinha que ter certeza.

A expressão de Abel tornou— se amarga, como sempre acontecia quando eu mencionava outros meninos, mas ele não tinha nada para ficar irritado. Além de alguns beijos e algumas mãos dadas, aqueles rapazes tinham decolado muito rapidamente depois que descobriram que eu os faria trabalhar mais para conseguir ficar entre as minhas pernas do que alguns encontros baratos.

— Adeline, deixe— me assegurar— lhe que minha definição de compromisso se alinha com a sua e não com aqueles outros filhos da puta covardes que você conheceu. — Percebendo o que ele acabou de dizer, ele parecia pronto para se desculpar até que eu apertei sua mão para encorajá— lo a continuar.

— Um menino faz promessas porque pensa que sabe o que quer. Um homem faz promessas porque sabe exatamente o que quer.

Minha boca se contraiu.

— E você é um homem? — Foi mais uma afirmação do que uma pergunta, porque tive uma dor entre as pernas para confirmá— la.

— Anjo, sou *todo* homem.

— Bom saber. — Eu sorri para o meu prato enquanto fazia outra mordida. Muita conversa, pouca comida. Eu ficaria aqui o dia todo se não conseguisse trabalhar.

— Eu ia esperar até amanhã para descarregar tudo isso em você, mas com a ereção que estou lutando graças a você praticamente me implorando para falar sacanagem, não pretendo tirar uma folga da sua boceta até que eu tenha que sair para meu vôo na segunda— feira de manhã.

Suas palavras me fizeram comer mais rápido.

— Você vai embora na segunda— feira?

Sua expressão se suavizou quando viu a decepção em meu rosto.

— Tenho uma viagem de negócios. Tenho que cuidar de algo importante, senão nem sonharia em te deixar.

— E minha boceta? — Eu levantei uma sobrancelha para ele, dando um sorriso malicioso.

Seu pescoço enrijeceu.

— Coma, — ele ordenou em uma voz rouca.

— Quanto tempo? — Eu perguntei depois de terminar mais algumas mordidas.

— Quatro ou cinco dias provavelmente.

Quando suspirei, ele também. Ele não tinha acabado de me prometer que sabia o que era compromisso e estava pronto para abraçá— lo? Agora, dois minutos depois, ele estava me dizendo que tinha que sair para uma viagem de negócios na mesma semana depois de me engravidar. Eu sabia que o bebê não estava aqui nem nada ainda, mas ainda assim, parecia um sinal do que estava por vir.

— Vou verifica— lá todos os dias. Eu prometo. E estarei no primeiro voo para casa assim que tiver cuidado de tudo.

Ele estava esperando que eu olhasse para ele, mas eu estava me concentrando no meu café da manhã, tentando me acalmar. Ele já tinha uma programação antes de qualquer uma dessas coisas acontecer entre nós. Ele não podia simplesmente cancelar tudo porque tínhamos compartilhado um fim de semana mágico juntos. Isso não teria sido responsável ou expressado compromisso, pelo menos com seu trabalho.

— Eu fui em frente e adicionei você à minha academia e ao clube de campo, para que você possa visitá— los quando quiser, — disse ele. — Também providenciei que uma massagista especializada em massagem pré— natal visitasse o condomínio duas vezes por semana. Você pode coordenar sua programação com a dela. Você está ciente de seu carro e motorista pessoal, e eu programei o número dele em seu novo telefone, então sempre que você quiser sair, você está livre.

Ele iria continuar. Quem sabia? Ele poderia estar prestes a me dizer que fez um acordo com o Navy Pier ³ para ficar de prontidão para que eu pudesse andar na roda— gigante a qualquer hora do dia que eu quisesse. O resto de sua lista não parecia tão diferente.

— Eu sou uma garota da fazenda de Indiana, — eu disse, piscando para ele.

— Você é uma garota de Indiana que vai ter um filho meu. No meu mundo, isso significa que você é a maldita rainha do mundo, e vou tratá— la como tal. — Suas palavras foram fortes, quase acaloradas. Ele era decisivo sobre isso.

Mesmo eu sendo uma garota de baixa manutenção que cresceu com sujeira sob as unhas, eu não odiava totalmente a ideia de ser mimada. De ser cuidada e querida. Na verdade, pensei que poderia ter adorado.

— Você me deixou todo animado agora. — Abel se afastou da mesa, com as mãos apontando para seu pênis esticado em suas calças de linho finas. — Olha o que você fez comigo, Adeline.

Meu garfo caiu quando ele se tocou através das calças. Meus lábios ficaram molhados quando ele começou a se acariciar.

— Venha aqui e cuide disso. — Ele se empurrou para fora de sua cadeira quando me levantei da minha. Seus olhos caíram para o pedaço de mesa à sua frente.

³ Navy Pier: cais na qual há várias instalações turísticas, incluindo uma roda— gigante.

— Curve— se e coloque seu traseiro no ar.

Minhas coxas se apertaram, meu pulso batendo forte nas têmporas. Eu gostei da conversa suja. Meu Deus, gostei.

Trabalhando em torno de seus pratos e talheres, inclinei— me para frente para que meus antebraços estivessem apoiados na mesa. Então inclinei meus quadris até que não pudesse arquear mais alto, levantando minha bunda no ar como ordenado.

— Levante sua camisa. Mostre— me o que você está oferecendo. — Ele cutucou atrás de mim, abrindo minhas pernas ainda mais. — Mostre— me o que é meu.

Pegando a bainha de sua camisa, puxei— a até que estivesse na metade das minhas costas. O ar frio correu pelas minhas costas, lambendo minha carne exposta e me fazendo tremer. Eu me senti totalmente exposta, completamente vulnerável.

Ele espalmou minha bunda rudemente antes de deslizar a mão entre minhas pernas.

— Oh, Adeline. Porra, baby, — ele rosnou. — Você está ainda mais molhada para mim agora do que estava ontem à noite. Essa bocetinha apertada sentiu o gosto de pau e agora ela não consegue se fartar, não é?

Quando seus dedos se afundaram em mim, estremeci. Quando eles se enrolaram em mim, acariciando aquele local perfeito que ele me mostrou na noite passada, eu empurrei meus quadris para trás a tempo de suas bombeadas com os dedos.

— Sim, — eu respirei, em resposta à sua pergunta, em resposta ao que seu corpo estava fazendo ao meu. Sim para tudo relacionado a Abel Lockwood.

Seus dedos mergulharam em mim.

— Diga, — ele exigiu.

Minhas unhas cravaram em minhas palmas.

— Minha boceta não consegue pau o suficiente.

Foi quando sua outra mão se juntou, batendo na minha bunda com força suficiente para fazer doer.

— *De quem é o pau?* — Ele rosnou, raiva afiando suas palavras.

— Seu pau, — eu ofeguei. — Apenas seu.

Ele grunhiu sua aprovação quando suas mãos me deixaram apenas o tempo suficiente para se libertar de suas calças.

— Então deixe— me mostrar como meu pau não se cansa dessa boceta, Adeline Matthews. *Sua* boceta. — Ele posicionou a cabeça na minha entrada, dedilhando um pouco da minha umidade em seu comprimento para facilitar sua passagem.

— Que tal café da manhã? — Eu disse, percebendo que no calor de tudo, consegui enterrar meu peito em seu prato de crepes intocados.

— Foda— se o café da manhã. — Suas mãos plantadas em cada lado do meu quadril, segurando a borda da mesa enquanto ele afundava em mim. — Estou recebendo você no café da manhã.

Adeline

Acabamos na cama. Novamente. Era uma noite de domingo, segunda—feira de manhã, e Abel partiria em algumas horas para pegar o avião para San Francisco. Nós tínhamos aproveitado ao máximo nosso tempo juntos, mas eu estava planejando fazer um pouco mais com isso.

Se alguém tivesse tentado me convencer de que eu conhecia Abel Lockwood há apenas quatro dias, eu teria rido deles, embora soubesse disso, pela estimativa do calendário, sim. Mas a conexão de Abel e minha foi muito mais profunda, levando—me à conclusão de que deveríamos ter sido amantes em outra vida. Não havia outra explicação para a conexão que sentia com ele.

Eu conhecia o arranjo que nos uniu. Eu estava muito ciente disso e do punhado de pontos de interrogação que residiam dentro de seus limites. Mas também aceitei que a vida nos uniu por um motivo e que o amor veio em todas as formas e tamanhos.

Se ele pudesse se apaixonar pela mulher que contratou para ter um filho, eu poderia me apaixonar pelo homem que me contratou para lhe dar um filho.

O alarme de Abel estava programado para disparar em alguns minutos, mas tive outra ideia para acordá—lo. Uma que eu não poderia imaginar que ele teria qualquer tipo de objeção. Os lençóis já estavam amontoados ao pé da minha cama, então, depois de me soltar de debaixo dele, desci para onde precisava estar.

Eu sorri para ele, incapaz de evitar. Ele parecia tão grande esparramado na minha cama queen—size com dossel, seu cabelo escuro caindo sobre a testa. A evidência da nossa última rodada de relações sexuais rolou por minhas pernas enquanto eu rastejei sobre ele, deslizando por seu corpo até que eu estivesse na posição certa.

Abel tinha me feito gozar com sua boca tantas vezes que eu perdi a conta, mas ele nunca me deixou retribuir o favor. O homem estava obcecado em garantir que cada gota de seu esperma acabasse dentro de mim. Mas meu Deus, se um cara se saísse tão bem quanto uma mulher durante o sexo oral, então ele não faria objeções, uma vez que minha boca descesse sobre ele.

Mesmo dormindo, ele estava semiduro, mas no momento em que meus dedos se curvaram em torno de seu eixo, levantando— o em direção aos meus lábios, eu o senti engrossar em meu aperto. Nunca tentei, mas, sendo a boa pesquisadora que sou, li o suficiente para ter uma ideia geral. Deslizando meus lábios sobre sua cabeça, eu o provei, lambendo sua ponta e me deleitando com o gosto de nossa união combinada revestindo— o. Seu pau inchou ainda mais na minha boca.

Chupando sua ponta, eu provei o que assumi ser uma pérola fresca de esperma. Era salgado e um pouco pegajoso e absolutamente delicioso. Continuei chupando assim, com fome de mais, e meus esforços foram recompensados.

Enquanto o gosto dele lentamente enchia minha boca, eu gemia, desesperada para provar sua completa liberação em breve. Acima de mim, Abel gemia em seu sono, seus quadris lançando em meu rosto, enterrando o resto de si mesmo dentro da minha boca.

Com todo o seu pau enfiado dentro da minha boca, quase engasguei com sua cabeça batendo contra minhas amígdalas, mas então outro gotejamento de sêmen escorreu em minha boca. Meu desconforto foi esquecido, ofuscado pela minha ânsia de engolir o resto do que eu podia sentir saindo de suas bolas.

Trabalhando minha boca para cima e para baixo nele lentamente, fazendo barulhos molhados e bagunçados, eu percebi que fazer oral era tão bom quanto recebê— lo. Eu sabia que se eu chegasse para trás e dedilhasse meu clitóris algumas vezes do jeito que Abel tinha feito antes, eu estaria perdendo o ato de chupar seu pau.

Outro gosto de esperma, forçando um gemido inebriante de mim, e Abel acordou de repente.

Ele levou um momento para descobrir o que estava acontecendo, piscando acordado. Quando ele me viu de bruços em seu colo, ansiosamente deslizando minha boca para cima e para baixo em seu membro tenso, sua cabeça caiu para trás.

— Porra, você dá um boquete tão bom quanto dá uma boceta, anjo.

Suas palavras me encorajaram até que eu pudesse sentir minha saliva escorrendo em suas bolas. Eu sabia que ele estava perto. Minha mão massageando suas bolas as senti puxar para cima, e foi quando me vi de repente de costas.

— O que você está fazendo? — Eu respirei quando o corpo de Abel caiu sobre mim, prendendo meus braços acima da minha cabeça. Quando

o senti empurrar dentro de mim, percebi que realmente não me importava. Contanto que ele não parasse.

— Meu esperma vai em sua boceta, não em sua garganta. — Ele grunhiu, bombeando em mim. — Estou guardando tudo isso para a sua boceta. É aí que ele pertence. Até que eu saiba que meu bebê está dentro de você, é sempre para onde ele irá. Entendido?

Seu ritmo urgente estava me trazendo cada vez mais perto, mas logo antes de sentir meu orgasmo ondular através de mim, consegui acenar com a cabeça. Minha aceitação foi seu ponto de mudança. Ele se juntou a mim enquanto tínhamos prazer um do outro até que ambos estávamos tremendo.

Abel pairou acima de mim enquanto recuperava o fôlego, permanecendo enterrado dentro de mim. Eu teria ficado feliz em adormecer assim, o corpo de Abel cobrindo o meu, seu pau dentro de mim, mas foi quando o alarme em seu telefone soou. Eram quatro da manhã.

Quando eu gemi, ele deu um beijo na minha boca.

— Durma, — ele ordenou contra meus lábios. — Você precisa descansar.

Eu fiz uma careta quando ele saiu de cima de mim, seu pau escorregando livre. Ele fez questão de colocar alguns travesseiros sob meus quadris. Porque, você sabe, no caso de as primeiras vinte tentativas não terem funcionado.

— É por isso que você deu tanta prioridade ao sono nas últimas noites? — Minha sobancelha se ergueu enquanto ele se arrastava para fora da cama e eu admirava sua bunda nua.

— É por isso que estou lhe dando uma folga inteiramente nos próximos dias, porque quando eu voltar. — Seu sorriso curvou— se maliciosamente enquanto ele se movia para o banheiro. — É melhor você torcer para se atualizar com o seu descanso de beleza, porque o único descanso que você terá são os poucos segundos que levo para virar você de costas para a frente.

Meu estômago afundou.

— Por ser um cara tão bom, às vezes você pode ser um menino muito mau.

Sua risada ecoou no banheiro antes que o som do chuveiro subindo abafasse. Por mais tentada que estivesse a me juntar a ele, eu sabia que

seu motorista estaria aqui para buscá— lo em meia hora. A última vez que me juntei a ele no chuveiro, só as preliminares levaram meia hora.

Admitindo com um suspiro que havia desfrutado do resto do corpo de Abel por alguns dias, rolei para fora da cama e me arrastei para a cozinha. Ele ficaria aborrecido quando visse que eu não seguia seu conselho para dormir, mas me sentia inquieta. Além disso, queria ter certeza de que ele comeria algo antes de partir. Ele esteve tão ocupado cuidando de mim neste fim de semana que não cuidou muito bem de si mesmo.

Depois de acender as luzes da cozinha e pegar uma frigideira, comecei a trabalhar. Eu cresci preparando refeições para vinte em uma pequena cozinha com espaço limitado no balcão, então a cozinha grande e bem equipada de Abel era um luxo.

Eu estava passando manteiga em sua torrada quando a campainha tocou. Deve ter sido o motorista, mas ele estava quinze minutos adiantado. Porcaria. Trabalhando em velocidade dupla, empilhei comida em um prato e envolvi um garfo e uma faca em um guardanapo de pano. Eu podia ouvir Abel na porta falando com o motorista, então, depois de encher sua jarra de metal com café, corri pela sala de estar.

Quando ele me viu, ele me lançou um olhar que sugeria irritação, com certeza.

— Pensei ter dito para você descansar.

— E pensei que você já tivesse percebido que não ouço tudo o que você diz, — atirei de volta.

Olhando para seu motorista recolhendo sua bagagem, Abel deslizou na minha frente, pegando meu roupão para apertar o laço da cintura.

— Eu estava coberta, — eu sussurrei, olhando para o motorista que não estava prestando atenção em nós.

— Não existe tal coisa como você estar *muito* coberta quando há outros homens por perto. — Ele deu outro puxão forte no meu cinto, então pareceu finalmente notar o que eu estava segurando.

— O que é isso?

— Café da manhã, — eu anunciei, segurando os itens em minhas mãos.

Ele me deu um sorriso divertido.

— Em um prato de porcelana?

— Sim, em um prato de porcelana. Eu queria que fosse especial. — Eu olhei para o prato chique em que eu coloquei seu café da manhã. Pode ter sido um pouco excessivo, mas depois do fim de semana e tudo o que compartilhamos, um prato de papel ou um recipiente para viagem simplesmente não funcionou.

— Eu queria que você pensasse em mim o tempo todo em que tomou seu café da manhã no caminho para o aeroporto. Aquela mulher maluca que serviu café da manhã para viagem em sua melhor porcelana. — Quando eu estendi para ele cerimoniosamente, ele riu, pegando.

— Estarei pensando em você a cada momento, desde o momento em que sair do seu lado até o momento em que voltar, prato chique ou não, Adeline Matthews. — Curvando o braço em volta da minha cintura, ele me puxou para ele. — Eu não poderia deixar de pensar em você nem se tentasse.

Enquanto ele beijava o canto da minha boca, esperando que eu retribuísse o beijo, sussurrei:

— Não sei mais o que é isso, Abel. Achei que sabia o que seria quando assinei o contrato, mas agora não acho que tenho a menor ideia.

Ele olhou para mim com olhos calorosos, seu aperto nunca diminuindo.

— O que é isso? — Eu perguntei. — O que *somos*?

O milhão de perguntas que vinham girando em minha cabeça finalmente se materializaram nessas palavras. Nossos lugares foram definidos por um pedaço de papel, mas a vida tinha feito uma bagunça confusa com isso. O motorista esperava na porta, segurando a bagagem de Abel. Este não era exatamente o momento para ter essa discussão, mas eu não tinha certeza de como poderia passar os próximos dias sem saber.

Abel abaixou a cabeça, de modo que ficamos nos olhando de frente.

— Eu sei o que isso significa para mim — afirmou, sem piscar. — Mas por que você não tira uma semana para pensar sobre o que isso é para você, e conversaremos quando eu voltar?

Quando ele ergueu a sobrancelha, concordei. Pelo menos ele sabia o que isso significava para ele, o que quer que fosse. Ele estava certo, eu deveria descobrir exatamente o que isso significava para mim.

Quando eu balancei a cabeça, ele abaixou a cabeça para que ficasse fora do meu estômago. Pressionando sua mão livre em minha barriga, ele a segurou lá por um momento. Então ele beijou minha barriga. Inclinando— se, ele pegou a garrafa de café, sorrindo em agradecimento, quando eu a estendi.

— Me ligue, — ele instruiu, abrindo caminho através da porta.

— Noite ou dia. Você liga, eu atendo. — Pouco antes de desaparecer, ele fez uma pausa, um olhar decidido em seu rosto. — Obrigado, Adeline.

Adeline

Obrigado. Uma palavra comum. Uma palavra simples.

Nunca havia passado tanto tempo refletindo sobre essa palavra. *Obrigado, Adeline*. O que ele quis dizer com isso? Obrigado por concordar em ter meu filho? Obrigado pelo fim de semana de sexo selvagem? Obrigado pelo café da manhã? Obrigado por ser minha alma gêmea?

Obrigado pelo quê?!

Eu suponho que poderia ter perguntado a ele qualquer uma das meias dúzias de vezes que ele já ligou para checar, mas eu imaginei que antes que eu o fizesse explicar sua posição sobre essas palavras e nós, eu deveria descobrir onde eu estava com tudo isso.

Na verdade, se eu não deixasse o medo incômodo atrapalhar, eu sabia onde estava conosco. Eu queria que ele fosse mais do que apenas o pai que dei ao filho que criaríamos juntos. Eu queria que ele fosse mais do que o mesmo pai com quem farei outro filho algum dia no futuro. Eu queria que ele fosse mais.

Então imaginei que sabia onde estava, por mais louco e inesperado que pudesse ser. Agora eu só teria que esperar e ver se ele se sentia da mesma maneira. Eu pensei que sim. A maneira como ele olhou para mim e as coisas que disse levaram a essa conclusão. Quem teria acreditado que duas pessoas que foram apresentadas da maneira como nós, pudessem encontrar o tipo de vínculo que a maioria das pessoas passou a vida inteira procurando?

— Como você está, amor? — Helen perguntou do outro lado do pátio externo, tirando— me dos meus pensamentos.

— Os tomates são envasados. Apenas passando para os pés de morango. — Eu me inclinei para trás para dar uma olhada no que um par de dias de trabalho duro poderia realizar.

O espaço externo de Abel foi totalmente transformado graças a uma entrega surpresa de uma empresa de jardinagem da cidade. O caminhão apareceu mais tarde na manhã em que Abel partiu,

informando— me que o Sr. Lockwood tinha feito um grande pedido de vasos de cerâmica, terra e plantas, então um dos motoristas me entregou um bilhete. *Coloque um pouco de sujeira sob as unhas novamente.* Fora escrito por Abel, o que significava que ele havia dedicado tempo para ajeitar tudo, bem como para considerar o que seria especial para mim.

Imaginei que a maioria dos caras mandava rosas para uma garota com quem tinham acabado de passar um fim de semana inteiro fazendo sexo, mas era fácil. Abel estava claramente pensando apenas em mim quando colocou isso em andamento.

— Sr. Lockwood vai vir aqui e pensar que entrou direto no Jardim do Éden. — Helen estava ocupada plantando uma variedade de pimentas. Embora eu tenha dito a ela que ela não precisava sentir que precisava ajudar, ela disse que queria. Acho que ela gostou da companhia tanto quanto eu.

— Definitivamente, fizemos um uso criativo do espaço que temos aqui. É incrível o que você pode cultivar em vasos, — eu disse, começando a trabalhar nos pés de morango.

— Você não tem medo de sujar as mãos, tem, Srta. Matthews?

Eu sorri para minhas mãos com crostas de terra. Eu me senti como se estivesse em casa bem aqui no meio de um prédio alto no centro de Chicago.

— Vem com o lugar quando você é criado em uma fazenda.

Helen girou em seu banquinho, virando na minha direção.

— Você sente falta?

— Às vezes. Houve dias em que daria tudo para voltar para casa e estar cercada por campos de milho e minha família. Houve outros dias em que me contentava em estar aqui, sozinha, tentando fazer o meu caminho no mundo para poder cuidar da família.

— Você sente falta *dele*? — Ela parou de trabalhar e estava me observando. Helen parecia ser a fã número um de Abel e não conseguia elogiá-lo o suficiente.

— Às vezes. — Quando ela ergueu a sobrancelha cinza, eu ri. — Ok, sim, eu sinto falta dele. Está feliz?

Ela bateu palmas, juntando— se à minha risada antes de voltar para as pimentas.

— Estou feliz que ele esteja feliz. E estou feliz porque você o faz feliz. Então, sim, estou muito feliz, obrigada por perguntar.

— Já está tarde, — eu disse, verificando a hora. Era quarta— feira à noite e amanhã eu tinha meu exame de sangue com Love Child para ver se estava grávida. Eu estava especialmente nervosa hoje, então me mantive ocupada trabalhando no lugar.

— Assim que eu terminar com os morangos, vou entrar e começar o jantar. O que acha de frango frito esta noite?

Helen suspirou bem— humorada.

— Com você cozinhando e limpando tudo por aqui, você vai me tirar do emprego.

— Oh, por favor. Então, quem estaria lá para me dizer que o pó branco no recipiente de cobre é araruta⁴ e não bicarbonato de sódio? Ou que o limpador no borrifador é vinagre e não alvejante? Você precisa estar aqui para se certificar de que não virei o lugar de cabeça para baixo.

Terminei de plantar o último dos pés de morango no vaso vermelho brilhante e rosa, tirando o pó das minhas mãos.

— Algo me diz que você já virou este lugar de cabeça para baixo— disse Helen, dando— me um olhar conhecedor antes de eu deslizar pela porta deslizante para a cozinha.

Na pia, lavei as mãos e estava apenas secando— as quando meu celular zumbiu no bolso de trás. Era o que Abel havia conseguido para mim e eu sempre o mantive ao alcance do braço para não perder suas ligações. Essa ligação não estava vindo dele, no entanto.

— Você descobriu? — Eu perguntei ansiosamente, soprando a saudação padrão. O outro lado da linha estava silencioso. — Pam?

— Oi, Srta. Matthews. — A voz da secretária de Abel estava apreensiva. Talvez ela estivesse nervosa, eu não sabia.

— Então? — Eu solicitei, inclinando meu quadril na lateral do balcão, esperando.

Quando Abel me disse que não voltaria até sexta— feira, decidi descobrir uma maneira criativa de contar a ele sobre os resultados de amanhã. Eu estava pensando em mandar para seu hotel um pequeno bolo com algo como ‘Parabéns, papai’ escrito nele. Parecia uma ideia mais

⁴ A **araruta**, também conhecida como maranta ou arrowroot, é uma planta medicinal muito usada na forma de farinha ou polvilho.

divertida do que ligar de Love Child e dizer que os resultados da minha gravidez foram positivos. Consegui que Love Child concordasse com a ideia e encontrei o número de sua secretária em seu escritório. Eu sabia que ele estava em San Francisco, mas não sabia em que hotel ele estava, e temia que se perguntasse diretamente, ele suspeitasse. Eu queria que isso fosse uma surpresa total, então pedi a Pam para obter as informações do hotel.

— Você ainda está aí? — Perguntei, a linha silenciosa por tanto tempo que eu estava começando a me perguntar se ela tinha morrido.

— Ainda estou aqui, — Pam respondeu, sua voz tão reservada.

— Que hotel? — Tentei não parecer impaciente.

— Sr. Lockwood não está em San Francisco esta semana, Srta. Matthews.

Levei um momento para repetir mentalmente o que ela acabara de dizer.

— Oh. Tenho certeza que foi isso que ele disse. Ele teve que sair para outro lugar?

— Não que eu saiba.

Minha testa se enrugou.

— Então onde ele está?

Algumas batidas de silêncio.

— Não tenho certeza.

— Como você não tem certeza de onde o Sr. Lockwood está trabalhando esta semana? — Eu perguntei, confusa. Ela era sua secretária que eu imaginei que conhecesse, se não fizesse, seus horários.

— Bem, é isso, Srta. Matthews. O Sr. Lockwood não está trabalhando esta semana. — Ela fez uma pausa, o silêncio me matando. — Ele tirou a semana inteira de folga no último minuto. Não sei onde ele está.

Minha garganta secou quando agarrei a borda do balcão.

— Nem eu, — eu sussurrei.

Assim que desliguei, disquei seu número. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas precisava descobrir. Eu não queria manter

minha cabeça na areia quando uma explicação simples provavelmente era tudo que eu estava perdendo. Talvez eu o tenha ouvido errado. Talvez ele acidentalmente me disse errado. Talvez uma centena de coisas diferentes, mas ficar ali refletindo sobre elas não traria nenhuma resposta.

— Estou com saudades, — ele cumprimentou, respondendo como sempre quando eu ligava para ele.

Normalmente eu o cumprimentava de forma semelhante, mas não está noite. Eu precisava descobrir o que estava acontecendo e por que ele me disse que estava trabalhando em San Francisco durante a semana quando sua secretária disse que ele estava em férias repentinas em algum lugar dos EUA.

— Como está San Francisco? — Eu perguntei.

Ele não hesitou.

— Solitário sem você.

Engoli.

— Como está o trabalho?

— Está indo, mas eu prefiro muito mais estar com você.

Meus joelhos tremeram. Ele não estava me dizendo a verdade. Ele não estava em San Francisco e não estava trabalhando. Ele estava escondendo algo. A confiança era a pedra angular de qualquer relacionamento e, se eu não pudesse confiar nele, não tínhamos relacionamento.

— Você vai me ligar assim que descobrir amanhã? — Sua voz aumentou com entusiasmo. — Eu gostaria de poder estar lá, mas...

— Você tem trabalho, — eu interrompi, sentindo meu coração endurecer quando a dor se tornou demais. — Não se preocupe. Compreendo.

E finalmente, eu entendi. Exatamente o que Abel Lockwood queria de mim.

Abel

Eu nunca senti falta de nada ou alguém como senti falta de Adeline nos últimos quatro dias. Eu nunca imaginei que pudesse. A dor da separação tinha se tornado tão aguda que perdi a conta de quantas vezes fiquei tentado a pular no primeiro avião que pudesse pegar para voltar para ela.

Finalmente, eu estava voltando para ela. Do jeito que estava, eu estava diminuindo minha viagem em um dia, mas tudo estava quase pronto. E eu não podia arriscar perder Adeline demorando— me para vê— lo concluído.

Eu estava grato pelas boas pessoas com as quais me cercava. Pessoas como Helen, que ligou para me informar que Adeline parecia chateada na noite passada. Pessoas como minha secretária, que ligou para me informar que minha “amiga— Srta. Matthews ligou tentando localizar meu paradeiro e pareceu um tanto angustiada quando soube que eu não estava onde disse que estaria.

Pam se sentiu péssima por, sem saber, me colocar em uma situação difícil, mas eu disse a ela para não se preocupar e agradei por me avisar.

Adeline pensou que eu menti para ela. Ela deve ter acreditado que eu trai sua confiança, provando suas suspeitas de que compromisso era uma palavra de onze letras para mim e nada mais. Eu tinha que explicar tudo antes que ela mudasse de ideia sobre nós ou, Deus, desaparecesse com nosso bebê potencialmente crescendo em seu estômago.

A ideia de ela ir embora me deixou doente. Cada minuto que passava e eu não estava de volta para ter certeza de que ela não iria embora me deixava impaciente além da crença. Ido ou não, eu a encontraria, eu me assegurei mil vezes no caminho do aeroporto para o meu apartamento. Eu viraria o mundo de cabeça para baixo se fosse necessário. Eu contrataria mil detetives particulares. Eu daria uma recompensa de um bilhão de dólares. Eu faria qualquer coisa para encontrá— la. Para explicar.

Para explicar *tudo*.

Talvez eu devesse ter explicado tudo na segunda— feira de manhã, antes de sair. Talvez eu devesse ter contado a ela o que soube no momento em que a vi e o que só cresceu nos dias seguintes. Para que ela soubesse que não era apenas especial para mim, ela era preciosa além da medida.

No instante em que meu motorista parou em frente ao prédio, pulei para fora, passando correndo pelos porteiros em direção ao elevador. Graças a Deus um estava esperando, ou então eu teria subido todos os lances de escada para o meu apartamento no 75º andar.

Quando as portas se abriram, corri em direção à minha porta da frente, meu coração batendo forte não pelo esforço físico, mas pela antecipação do que encontraria lá dentro. Ela ainda estaria lá? Ou ela iria embora? Eu pedi a Helen para ficar de olho nela até que eu chegasse em casa, mas não podia esperar que ela cuidasse de uma mulher adulta o dia todo. Eu não podia esperar que Adeline se sentisse confortável sendo acompanhada o dia todo.

Virando minha chave, empurrei a porta e entrei. Estava quieto, vazio. Assim que meu coração estava afundando, notei uma bolsa familiar na mesa de canto perto da porta. Sua dona saiu do corredor um momento depois.

— Você ainda está aqui, — eu respirei, aliviado.

Adeline pareceu surpresa em me ver. Então essa surpresa se transformou em algo que parecia raiva.

— Sim, ainda estou aqui. Aqui é onde eu disse que estaria. — Ela fez uma pausa, o conflito se instalando em seus olhos. — Por que você não estava onde me disse que estaria?

Ela ainda estava aqui. Eu não conseguia parar de me lembrar disso.

— Lamento ter dito que estaria em San Francisco e não estava, — comecei querendo chegar mais perto, mas achando que ela não queria. — Lamento que você tenha descoberto dessa maneira.

Ela cruzou os braços.

— Onde você estava?

Pegando sua bolsa, segurei a porta aberta.

— É uma surpresa. Ou pelo menos será até chegarmos lá e eu mostrar a você o que tenho feito a semana toda.

Suas sobrancelhas se juntaram, mas ela deu um passo em minha direção. Progresso.

— É isso que você tem feito? Uma surpresa?

— Uma *grande* surpresa.

Ela continuou se aproximando, a raiva diminuindo, embora não desaparecesse de sua expressão.

— Tenho estado muito preocupada com o que pode estar acontecendo, Abel. Imaginando o que poderia ter possuído você para mentir para mim. Enlouquecendo com o que isso significava para o bebê, para *nós*.

Meus olhos caíram para o estômago dela, meu coração apertando. Eu amei como ela já estava falando como se estivesse grávida. Eu amei como ela ainda estava falando sobre nós.

— Por favor. Venha comigo e prometo que tudo fará sentido. Me desculpe por ter preocupado você, baby. Me desculpe. Eu nunca pensei que você descobriria até que eu pudesse explicar tudo para você pessoalmente. — Eu estendi meu braço para ela, prendendo a respiração.

— Você vai confiar em mim?

Verificando o delicado relógio em seu pulso, ela mudou.

— Minha consulta no Love Child é em meia hora. Posso remarcar, mas você não quer esperar até sabermos se estou grávida ou não?

Trinta minutos. Eu poderia saber em meia hora se eu seria pai. Nunca quis tanto nada. Pelo menos, não até conhecer Adeline.

— Eu quero descobrir se nós fizemos nosso bebê juntos tanto que eu posso sentir o gosto, mas eu quero mostrar a você o que você significa para mim. Eu preciso que você veja isso primeiro.

Ela ainda estava olhando para o relógio, mas não perdi a maneira como seus olhos suavizaram. Então ela saiu pela porta.

— Então me mostre o que eu significo para você, Abel Lockwood.

Eu planejei passar o resto da minha vida mostrando a ela o que ela significava para mim. Cada segundo de cada último dia.

A viagem de volta ao aeroporto foi tranquila, mas quando embarcamos no jato da empresa e fomos liberados para a decolagem, sua

mão havia encontrado o caminho para a minha. Antes de pousarmos, amarrei uma venda nos olhos dela para que ela não tivesse ideia de onde estávamos pousando ou para onde o carro que esperava por nós estava indo.

Depois de alguns minutos no carro, ela adormeceu. Eu coloquei a venda e, provavelmente, a falta de sono da noite anterior por causa das preocupações a pegou, então eu apoiei sua cabeça no meu ombro e cruzei minha mão sobre sua barriga, me sentindo o homem mais sortudo do planeta. Meu filho estava ou logo estaria crescendo em seu útero, e a mulher que eu acreditava não existir estava ao alcance do braço. Ambos estavam em meus braços.

— Chegamos— sussurrei baixinho quando o motorista parou no mesmo lugar que eu fugi esta manhã.

Ela se mexeu, enterrando— se um pouco mais fundo no meu ombro antes de se sentar e se alongar.

— Onde estamos?

Eu sorri, enrolando minhas mãos nas dela e guiando— a com cuidado para fora do carro.

— Você vai ver.

Depois que eu a levei para o fundo da escada da varanda, eu a levantei em meus braços e a carreguei o resto do caminho para dentro. Subindo as escadas, descendo o corredor, e dentro da sala que, milagrosamente, eles conseguiram terminar em tempo recorde. Eu teria que me certificar de preencher um cheque de bônus robusto para a construtora por fazer isso acontecer.

— Pronta? — Eu perguntei, colocando— a de pé.

— Pronta para qualquer coisa agora. E eu quero dizer qualquer coisa porque estou tão confusa que não acho que iria vacilar se descobrisse que você me arrastou para algum iglu no Ártico.

Desamarrando sua venda, dei a volta na frente dela. Antes de remove— lá, baixeí meus lábios nos dela. Ela poderia ter me dado um tapa facilmente, mas em vez disso, ela me beijou de volta até que cresceu em algo que estava prestes a me distrair.

Quando me inclinei para trás, encontrei seus lábios separados por sua respiração.

— Essa foi a grande surpresa? — ela perguntou, mantendo os dedos enfiados no meu cinto. — Porque isso funciona para mim.

Rindo, eu abaixei sua venda.

— Essa não foi a surpresa. Essa foi mais uma prova de que sou incapaz de manter meu corpo para mim quando se trata de você.

A primeira coisa que seus olhos pousaram quando ela piscou para clarear foi os meus. Toda a raiva havia desaparecido de sua expressão. Não havia nada além de calor vindo dela.

— Surpresa, — eu sussurrei, me afastando para que ela pudesse ver com o que eu estava ocupado.

No início, ela continuou piscando como se não tivesse certeza se estava vendo corretamente. Quando ela deu uma volta lenta, observando toda a sala, a compreensão deve ter se estabelecido. Seus olhos lacrimejaram quando eles voltaram para os meus.

— Bem, isso e o resto da casa e terreno que está anexado a este quarto, — eu respondi, dando um passo em direção a uma das grandes janelas. — Ah, e cuidando da casa de um dos nossos vizinhos também.

Quando eu estendi minha mão para ela, ela a pegou, juntando— se a mim na janela.

— Isso é minha. — Sua mão voou para a boca, as lágrimas escorrendo agora. — Essa é a minha fazenda. É onde minha família. . .

Enrolando meus braços em torno dela, puxei Adeline para perto.

— Eu sei, e você não precisa mais se preocupar com eles. Eu cuidei de tudo. As dívidas. Os empréstimos. Tudo. Sua mãe e suas irmãs não terão que deixar a fazenda a menos que queiram. Você e eu, vamos cuidar delas.

Suas lágrimas escorriam pela minha camisa, seu corpo tremia com seus soluços, mas eu apenas a mantive perto, sendo uma pedra para ela se apoiar.

— E este lugar? — ela disse, fungando depois de um minuto. — Costumava ser a casa do Sr. e da Sra. Tucker. — Seu olhar vagou pela sala, e ela sorriu ao admirar a cadeira de balanço no canto.

— Sim, mas acabou que eles o tinham à venda e ficaram mais do que felizes em vendê— lo a uma pessoa disposta a pagar vinte por cento a mais do que o preço pedido. — Quando sua cabeça se inclinou para mim, eu a encarei, beijando a ponta de seu nariz.

— Achei que seria uma segunda casa perfeita. Um lugar para onde podemos voar nos fins de semana e feriados ou para ver sua família

sempre que precisarmos de uma folga da cidade. — Eu dei de ombros, inclinando minha cabeça para os campos intermináveis dos quais eu não sabia nada. Mas eu estava disposto a aprender, ou pelo menos aprender o suficiente para contratar ajudantes, para cuidar deles. — Você sabe, para quando tivermos o desejo de sujar as mãos.

Ela olhou para fora da janela comigo como se ela não tivesse certeza de que nada disso era real.

— Mas você não quer passar fins de semana em Indiana. Em uma fazenda. Em uma velha casa de fazenda.

Enrolando meu dedo sob seu queixo, eu o levantei até que ela estava olhando para mim.

— Mas você quer. E eu quero estar onde você estiver. Onde quer que seja.

Foi quando ela me beijou. O tipo de beijo que estava prestes a me fazer perder todo o controle dos meus impulsos. Eu teria ficado feliz em apenas deixar o beijo continuar onde quer que ela tivesse em mente, mas desta vez foi ela quem o quebrou.

— Você fez tudo isso por mim? — ela sussurrou. — Antes mesmo de você saber que estava grávida do seu filho?

Minha cabeça tombou. Ela ainda não entendeu? Ela não podia ver isso escrito em meus olhos?

— Eu faria qualquer coisa por você. Absolutamente tudo, Adeline Matthews. Quer você tenha um filho ou não.

A sobancelha dela se ergueu.

— *Nós não seremos apenas* pais de uma criança?

Meus braços se apertaram mais ao redor dela.

— Eu não quero apenas que você seja a mãe do meu filho. Eu quero que você seja a mãe da minha família. Eu quero que você seja minha esposa. A mulher com quem compartilho todos os momentos bons e ruins de agora até o dia de minha morte.

Girando em meus braços, ela encostou a parte de trás da cabeça no meu peito.

— Eu quero isso também. Contigo.

— Você é a única— , eu disse. — Nunca houve ou haverá outra mulher para mim além de você.

Ela olhou para mim.

— *Nunca* houve?

Respirando fundo, decidi contar a ela. Eu estava praticamente contando tudo o mais.

— Você não era a única virgem no quarto na noite em que fizemos este bebê.

Minha mão se curvou em torno de seu estômago. Eu não precisava de um exame de sangue para saber que meu filho estava crescendo dentro da minha mulher. Eu já podia sentir isso.

Seus olhos se arregalaram.

— Eu fui a sua primeira?

Eu balancei a cabeça, nem um pouco envergonhado por ser um homem de trinta e cinco anos que acabara de perder a virgindade dias atrás. Teria sido desperdiçado com qualquer pessoa, exceto Adeline.

— E eu era seu.

— Então, nós dois somos os primeiros um do outro? — Ela sorriu como se a ideia a emocionasse tanto quanto a mim.

— E que Deus me ajude, seremos o último, porque eu nunca vou deixar você ir, Adeline Matthews. Nunca. Meus braços se apertaram em torno dela possessivamente, e quando senti seu doce traseiro balançar contra meu colo, meu pau ganhou vida instantaneamente.

— Isso é bom— disse ela, torcendo— se em meus braços para que ela estivesse olhando para mim. — Porque eu nunca vou deixar você ir, Abel Lockwood. Nunca.

Algo acendeu em seus olhos bem antes de sua mão se enrolar em volta do meu pacote. Seu toque foi tão intenso após a separação que minha cabeça rolou para trás.

— Agora— disse ela, puxando meu cinto para me levar para fora do quarto do bebê. Mal havíamos entrado no corredor quando ela me colocou contra a parede, suas mãos fazendo um trabalho rápido em minhas calças. — Eu tenho uma surpresa para você.

Epílogo

Nove meses e meio depois

Adeline

Nosso bebê estava em meus braços. Abel tinha— me em seus braços. Minha família inteira, meu mundo inteiro, estava bem aqui comigo. Tudo que eu achei que nunca aconteceria estava nesta pequena cama de hospital comigo.

— Ele é perfeito, — eu sussurrei, inclinando minha cabeça para trás para olhar para meu marido. Ele não tinha dormido nada desde que minhas contrações começaram ontem de manhã, mas mesmo trinta e seis horas depois, ele parecia alerta e revigorado.

— Vocês dois são perfeitos. — Abel beijou minha testa, olhando para nosso filho enrolado em meus braços. Ele era um rapazinho saudável, pesando cerca de quatro quilos e meio e parecia idêntico às fotos do bebê de Abel.

Abel me engravidou naquele primeiro fim de semana juntos. Não que isso fosse uma grande surpresa para qualquer um de nós. Ele sabia. Eu sabia. Foi bom que o exame de sangue verificasse isso, mas começamos a viver nossas vidas como uma família antes de receber os resultados.

— Como posso estar casado com a mulher mais linda do mundo e ter acabado de ter o bebê mais lindo?

A mão de Abel se curvou ternamente em torno do topo da cabeça de nosso filho. Sua mão parecia gigantesca contra o corpo de nosso bebê recém— nascido.

— Nós fizemos um bebê incrivelmente lindo juntos.

Eu sorri, aconchegando— me um pouco mais fundo nos braços de Abel. Eu estava cansada após um parto tão longo e, embora soubesse que esses pequeninos poderiam ficar quietos no início, eles não ficavam assim por muito tempo. Eu precisaria descansar enquanto podia descansar.

Abel se ofereceu para contratar uma babá para ajudar, mas eu não suportava a ideia de outra pessoa se levantar para confortar meu bebê

quando ele chorava. Ou trocasse a fralda quando ele precisasse. Eu posso já ter sido possessiva com minha família, mas eu aprendi isso com uma certa outra pessoa que era possessiva demais.

— Isso pode ser rápido, mas já que estamos no assunto de bebês, quando podemos começar a tentar ter um irmãozinho ou irmãzinha?

Eu ri baixinho da seriedade no rosto do meu marido.

— Acho que li seis semanas antes de retomar o sexo e alguns meses antes de tentar engravidar novamente.

Os olhos de Abel se arregalaram.

— Seis semanas? — ele assobiou. Quando nosso filho se contorceu durante o sono, Abel baixou a voz. — *Seis semanas?* Meu Deus, os sádicos elaboraram essas diretrizes?

Tentei controlar minha risada, mas não pude evitar. Encheu a sala, Abel seguiu alguns momentos depois. Durante tudo isso, nosso filho continuou dormindo.

— Não se preocupe, baby. Tenho muitas maneiras de cuidar de suas necessidades. — Quando pisquei para ele, a emoção das possibilidades brilhou em seus olhos.

Então ele suspirou.

— Suas necessidades primeiro. Se eu tiver que me controlar por seis semanas. Acho que não vou morrer. Eu me controlei por trinta e cinco anos, — ele disse baixinho. — Suas necessidades. As necessidades de nosso filho. Ambas as suas necessidades primeiro. Sempre.

Eu derreti nele um pouco mais.

— Eu sou um pai agora. É assim que funciona.

Ele encolheu os ombros como se tivesse que explicar para mim, mas ele não precisava. Eu sabia desde o início que tipo de pai Abel seria.

— Você não é apenas um pai, Abel. Você é um *ótimo* pai.

Ele sorriu para mim como se estivesse se lembrando da mesma memória de nosso primeiro encontro.

— Eu te amo.

Minha mão se enrolou ao redor de seu pescoço.

— Eu também te amo.

— Obrigado por me dar este bebê perfeito. Obrigado por me escolher, por acreditar em mim e por ficar comigo. Obrigado por fazer esta criança comigo com amor.

Meu olhar se desviou para o bebê em meus braços. Nosso filho amado.

Eu tinha tudo. Tudo o que sempre esperei e sonhei.

— Obrigada por realizar meus sonhos.

Am...